

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



“TÃO PERTO E TÃO LONGE”
AS VIVÊNCIAS DAS FAMÍLIAS MILITARES DAS ILHAS E
DE PORTUGAL CONTINENTAL: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO QUALITATIVO

Catarina Teotónio Coelho Francisco

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



“TÃO PERTO E TÃO LONGE”

**AS VIVÊNCIAS DAS FAMÍLIAS MILITARES DAS ILHAS E
DE PORTUGAL CONTINENTAL: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO QUALITATIVO**

Catarina Teotónio Coelho Francisco

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rita Francisco

Dissertação co-orientada pelo Major Renato Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Rita Francisco, pelo enorme conhecimento que sempre me tentou transmitir. Pela sua disponibilidade para esclarecer todas as minhas dúvidas. Pela motivação e confiança que sempre transpareceu no meu trabalho, mesmo quando as coisas pareciam estar mais difíceis.

Ao Major Renato Santos, por toda a partilha e ajuda indispensáveis durante este processo, principalmente nos contactos com as famílias e pelas entrevistas realizadas.

A todas as famílias que aceitaram participar nesta investigação, partilhando connosco as suas vivências. Sem elas, este trabalho não seria possível.

À Ana Duarte, a minha companheira de angústias, alegrias, desabafos, derrotas, mas principalmente vitórias. Pela ajuda incansável, pelo companheirismo e pela sincera amizade que construímos na nossa pequena família sistémica e reforçamos ainda mais com as famílias militares.

À Sara Reis, por ter sido tão importante ao longo de todo o meu percurso académico. Por me acalmar e apoiar nos piores momentos e alegrar, ainda mais, nos melhores momentos. Por ter sido, também, um grande apoio durante esta fase. Por acreditar sempre em mim.

Aos amigos da Faculdade, principalmente à Beatriz Estevão, Jessica Arez, Diogo Capela, Maria Inês Galvão, Rafaela Martins e Susana Gonçalves. Por toda a força que me transmitiram. Pelos cinco anos que nos unem ao longo deste enorme caminho que percorremos.

Às minhas amigas de sempre, Cátia Sofia e Rita Amaral, pela compreensão da ausência, por me levantarem nos momentos em que me deixava cair. Pela força, apoio, carinho e amizade que me agarraram ao meu objetivo. Sem vocês, não seria, nunca, a mesma coisa.

Aos meus amigos, Emanuel Gomes, Pedro Leitão e Daniela Costa, pela amizade. Por serem o elemento distrator quando eu mais precisava e ao mesmo tempo por me chamarem à atenção quando precisava novamente de me focar. Pela compreensão da ausência, pelas enormes gargalhadas e pela preocupação demonstrada.

Ao David, por tudo e por mais alguma coisa. Acima de tudo por compreender as horas ao computador, por perdoar as palavras amargas que saíam quando o cansaço me vencia e o mau-feitio emergia. Por me apoiar e preocupar-se comigo ao longo de todo o processo. Pelo interesse no meu trabalho, pelas perguntas importantes que colocava sobre ele. Pelo orgulho que sempre transmitiu. Pelo amor incondicional, mesmo passados estes 10 anos. Um enorme obrigada!

Ao meu Pai e ao meu irmão Diogo, por perdoarem as tarefas de casa que ficaram por fazer, as conversas em que não participei e a ausência – apesar de não ser física. Pela força que me transmitiam e pela coragem que me davam para ultrapassar esta fase com a maior motivação e empenho possíveis.

Aos meus restantes familiares, acima de tudo, pela compreensão da ausência. Pelo apoio, por serem sempre otimistas e acreditarem em mim. Em especial à minha avó Aida e à minha tia-avó Mimi, pelos telefonemas que não fiz e as visitas que não realizei e mesmo assim, estarem sempre disponíveis para mim.

Por fim, à minha Mãe. Porque em todos os momentos, sei que esteve presente. Por me dar força para continuar. Por me fazer empenhar mais e mais para a deixar orgulhosa, esteja ela onde estiver.

RESUMO

A duração e a localização geográfica de uma missão militar podem ter diferentes impactos na família, em função da relação entre pais-filhos e das respostas dos filhos face à separação, mas também dos recursos disponíveis. O presente estudo exploratório e qualitativo, baseado em estudos de caso, pretende expandir o campo de investigação sobre o impacto da participação nestas missões na parentalidade, face ao contexto residencial (Ilhas ou Portugal Continental) do militar e da sua família. Tem como principais objetivos: identificar e analisar as principais mudanças e diferenças inter e intrafamiliares sentidas pelas famílias das Ilhas e de Portugal Continental antes, durante e após o deslocamento do militar em missões internacionais; e identificar recursos que ajudam as famílias dos militares do continente e das ilhas a lidar com os desafios associados às missões. A amostra é constituída por quatro famílias militares portuguesas, com filhos adolescentes, duas do contexto residencial das Ilhas e duas de Portugal Continental, contando com 12 participantes no total. Recorreu-se à entrevista semiestruturada para recolha de dados, procedendo-se à análise temática dos mesmos, através de um processo abductivo e com recurso ao software QSR Nvivo11. As principais alterações ao funcionamento familiar dos militares de Portugal Continental surgem associadas à fase do deslocamento, refletindo-se na gestão de responsabilidades, na relação mãe-filhos e no envolvimento do pai militar. Por seu turno, as principais dificuldades das famílias militares das Ilhas surgem associadas à separação prolongada, pois esta separação ocorre também no pré-deslocamento e no pós-deslocamento. Em ambas as situações os principais recursos utilizados são o suporte social e os meios de comunicação, sobretudo durante a ausência física do militar. Por fim, são consideradas limitações desta investigação e apontadas implicações para investigação futura e para a intervenção com estas famílias.

Palavras-chave: Missão Internacional, Portugal Continental, Ilhas, Parentalidade, Relação pais-filhos, Separação Prolongada, Recursos.

ABSTRACT

The duration and the geographic location of a military mission can have different impacts on family, depending on the children-parents' relationship and the responses of children due to the separation, but also the resources available. This exploratory qualitative study, based on case studies, intends to expand the field of research about the impact of participation in missions on parenting, over the residential context (Islands or mainland Portugal) of the military and their families. The main objectives are: identify and analyze the inter- and intra-family changes and differences experienced by families from islands and from mainland Portugal before, during and after the military deployment in international missions; and identify resources to help military's families from islands and mainland Portugal to deal with the challenges associated with those missions. The sample consists of four Portuguese military families, with adolescent children, two from the residential context of Islands and two from mainland Portugal, with 12 participants in total. Semi-structured interviews were used for data collection, which were submitted to thematic analysis, through an abductive process and using the QSR Nvivo11 software. The main changes to military's family functioning of mainland Portugal were associated with the deployment phase, reflected in management of responsibilities, the mother-child's relationship and the involvement of the military father. In turn, the main difficulties of military families from Islands were associated with prolonged separation, because this separation also occurs in pre-deployment and post-deployment. In both cases the main resources used are social support and communication, especially during the physical absence of the military. Finally, limitations of this research and some implications for future research and intervention with these families are discussed.

Keywords: International Mission, Mainland Portugal, Islands, Parenting, parents-children Relationship; Prolonged Separation; Resources.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Subsistemas Parental e Filial	4
Missões Internacionais: As Fases e o Ciclo do Deslocamento	4
Famílias Militares Portuguesas	7
METODOLOGIA.....	10
Enquadramento Metodológico	10
Desenho da Investigação.....	10
Questão Inicial	10
Mapa Conceptual	10
Caracterização da Amostra	11
Instrumentos	12
Questionário Sociodemográfico	12
Guião de Entrevista Semiestruturada	12
Procedimento de Recolha de Dados	13
Procedimento de Análise de Dados	13
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	15
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS	
Anexo I – Questionário Sociodemográfico	
Anexo II – Guião de Entrevista Semiestruturada	
Anexo III – Consentimento Informado	
Anexo IV – Sistema Hierárquico de Categorias	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa conceptual da investigação.

INTRODUÇÃO

Em Portugal, a década de 90 constituiu-se como um marco, não só para o país como também para as Forças Armadas, uma vez que se verificou uma crescente participação em operações internacionais por parte dos militares portugueses (Carreiras, 1999). De acordo com Ramalho (2009) a estrutura militar portuguesa é executada com um elevado nível de empenho, assumindo responsabilidades de segurança e defesa no âmbito global, na qual o Exército tem tido um papel relevante desde os seus primórdios. A primeira “Força Nacional Destacada” (FND)¹ foi lançada em Moçambique em 1993 e, desde então, as Forças Armadas Portuguesas têm participado em diferentes operações de apoio à paz em Teatros de Operações (TO) como Angola, Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Timor-Leste, Afeganistão e Líbano (Loureiro, 2010, citado por Marques, 2014). Os desafios do serviço militar durante a guerra, na atualidade, nomeadamente as separações familiares, representam um dos maiores fatores de *stress* e uma ameaça inequívoca à integridade e bem-estar dos militares e das suas famílias (Bowen, Martin, & Mancini, 2013; De Burgh, White, Fear, & Iversen, 2011). Especificamente, as separações são vistas como particularmente prejudiciais porque removem uma fonte fundamental de apoio prático e emocional à família, mas também porque existem sempre incertezas associadas ao deslocamento. Considerando que cada família é única e experiencia a missão de forma diferente (Hollingsworth, 2011), é importante compreender a forma como cada família e cada elemento da mesma vive a experiência militar e qual o seu impacto em diferentes subsistemas (nomeadamente parental e filial) e nos seus membros de forma individual.

O presente estudo insere-se numa investigação de Doutoramento² sobre famílias militares que tem como objetivo central estudar o impacto da participação em missões internacionais no sistema familiar. Este projeto de Doutoramento procura aprofundar

¹ Uma FND caracteriza-se por qualquer unidade militar ou de segurança devidamente organizada, equipada, treinada e enquadrada, onde é atribuída uma missão adequada à sua natureza, fora do território nacional, por um período limitado de tempo (normalmente seis meses), no âmbito da satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal (Santos, 2010).

² Projeto de investigação de Renato Emanuel Carvalho Pessoa dos Santos, no âmbito do Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia da Família, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação das Professoras Doutoras Maria Teresa Ribeiro e Rita Francisco.

conhecimentos que permitam planejar, construir e executar programas de promoção da resiliência familiar, adaptados à realidade do Exército Português.

Em concordância com o referido acima, a presente investigação constitui um pequeno contributo no processo de conhecimento e compreensão das dinâmicas e complexidade das famílias militares que passam pela experiência de missões, especificamente dos militares das Ilhas comparativamente com os militares de Portugal Continental. Este contributo passa também por identificar pistas pertinentes que permitam aos técnicos ter diretrizes sobre estas temáticas que serão abordadas nos programas de promoção da resiliência familiar, minimizando os riscos e reforçando as relações familiares.

Neste sentido, a presente dissertação está organizada em vários capítulos, começando pelo Enquadramento Teórico, onde se encontra uma revisão de literatura sobre os principais temas associados à separação prolongada e à parentalidade em famílias militares, onde se faz uma revisão sobre o estado da arte relativamente ao impacto da participação dos militares em missões internacionais. Seguido pela Metodologia, onde se pretende dar a conhecer as etapas que caracterizam o processo metodológico desta investigação. Mais tarde, surge a Análise e Discussão de Resultados, que pretende fazer face aos objetivos de investigação e, por fim, a Conclusão onde são apresentadas as principais reflexões, limitações e implicações para estudos futuros.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

São muitos os desafios que as famílias militares enfrentam ao longo do seu ciclo de vida, incluindo as separações longas e repetidas, as deslocalizações frequentes, as inúmeras alterações de rotinas familiares, mudanças de papéis dentro da família, e a ameaça real de perigo para um elemento da família (Alfano, Lau, Balderas, Bunnell, & Beidel, 2016). Neste sentido, a participação em Missões Internacionais, e consequentemente as frequentes ausências físicas, faz com que as famílias militares sejam vistas como famílias “acordeão” (Minuchin & Fishman, 1981, cit. por Marques, 2014), dado estarem frequentemente em processos de reorganização e reestruturação com o intuito de atingir o equilíbrio familiar (Creech, Hadley, & Borsari, 2014). Mais, o aumento de missões em todo o mundo tem causado deslocamentos repetidos, extensões do deslocamento e, portanto, mais separações familiares (Rosen & Durand, 2000; Segal, 1986; SteelFisher, Zaslavsky, & Blendon, 2008). A separação em si produz muitos fatores de *stress*, tais como a assunção do papel de “único-pai” e problemas emocionais (Wood, Scarville, & Gravino, 1995). Assim sendo, o *stress* associado à separação prolongada, o aumento da carga de trabalho e das responsabilidades, às dificuldades de comunicação, assim como as zonas onde a vida do militar está em risco, podem ser aspetos difíceis de gerir (American Psychological Association, 2007). As famílias militares estão, portanto, particularmente vulneráveis a problemas emocionais significativos (American Psychological Association, 2007; Creech, Hadley & Borsari, 2014). O impacto do deslocamento no parceiro não militar poderá colocar em causa a qualidade dos cuidados parentais, que tem sido considerada a variável mais importante para o desenvolvimento da criança (Canavarro & Pereira, 2007; Simões, Farate, & Pocinho, 2011). As respostas das crianças ao deslocamento são muito individualizadas e dependem da sua etapa de desenvolvimento, sendo comum estas crianças apresentarem várias queixas somáticas ou problemas disciplinares que começam abruptamente com a partida do progenitor em missão (Yeatman, 1981). Segundo alguns autores, as crianças em idade escolar com um pai deslocado ou recentemente retornado demonstram sintomas de ansiedade, de externalização e dificuldades académicas, que são significativamente superiores aos padrões das normas da população (Card et al., 2011; Creech et al., 2014).

Subsistemas Parental e Filial

De acordo com Minuchin (1981), o sistema familiar diferencia-se e realiza funções através de subsistemas. Os indivíduos são subsistemas dentro da família e cada um pertence a diferentes subsistemas, nos quais tem diferentes níveis de poder e onde aprende competências diferenciadas. As pessoas relacionam-se de forma diferente em cada subsistema e acomodam-se de forma a atingir a mutualidade. O estudo das relações pais-filhos surge como central quando se procura aceder à complexidade inerente às interações entre subsistemas familiares (Alarcão, 2002). Com o nascimento do primeiro filho, surge o subsistema filial, que modifica o sistema. Existem várias transições na vida de uma família associadas ao tornar-se pai, entre as quais desenvolver uma identidade enquanto pai, definir uma relação de coparentalidade com um parceiro e tomar decisões relativas ao trabalho e à vida pessoal que têm implicações para a parentalidade (Roy, 2005). Estas transições permitem desenvolver e consolidar progressivamente funções executivas como a proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas (Sousa, 2006). A partir das interações pais-filhos, as crianças aprendem questões de autoridade, resolução de conflitos e formas de negociar no contexto da relação vertical. Ao longo da evolução familiar e dos contextos próximos, os pais acabam por ser confrontados com exigências específicas, nomeadamente as que a sua condição socioprofissional lhes coloca (McHale et al., 2002; Relvas, 2004).

Missões Internacionais: As Fases da Missão e o Ciclo do Deslocamento

As missões internacionais implicam o deslocamento do membro militar para uma área longe de casa. Entende-se por deslocamento o movimento estratégico dos serviços militares (pessoas e materiais militares) de uma base-casa para uma base de combate militar ou para operações de apoio à paz (Card et al., 2011). O deslocamento militar pode ser conceptualizado através de vários fatores, tais como a finalidade (e.g., treino, manutenção da paz, combate) e os riscos para os membros militares. Para além disto, o deslocamento difere também em termos de duração, sendo que geralmente as missões decorrem entre seis e 18 meses. Ainda que o deslocamento possa ser considerado um acontecimento com datas previamente estipuladas, também se pode conceptualizar o deslocamento como um processo que começa muito antes da partida do militar para o local de destacamento (Sheppard, Malatras, & Israel, 2010).

Van Breda (1996) propõe um modelo do ciclo emocional do deslocamento em sete etapas que se agrupam nas três fases da missão – *pré-deslocamento*, *deslocamento* e *pós-deslocamento*. Este modelo pretende servir como referencial para uma melhor compreensão da experiência das famílias militares (Van Breda, 1996). É importante sublinhar que cada etapa é caracterizada por um período de desafios emocionais específicos que devem ser negociados e conciliados por cada membro do sistema familiar, evitando-se assim crises familiares (Pincus, House, Christenson, & Alder, 2001). Parte-se do princípio que estas sete fases podem fornecer uma explicação para os processos e dinâmicas conjugais, mas também para as dinâmicas parentais face às especificidades da participação numa missão internacional.

Pré-Deslocamento

O pré-deslocamento corresponde ao período de tempo que vai desde o conhecimento da notificação para a participação em missão até à partida real do militar. O tempo de duração desta fase depende da antecedência com que é recebida a notícia. Nesta fase de preparação para a separação, as maiores preocupações da família estão associadas às questões financeiras, empregos, planos para as crianças e suporte emocional (Pincus et al., 2001; Sewnson & Wolff, 2011; Van Breda, 1996). Durante o pré-deslocamento decorrem duas etapas do Ciclo Emocional.

1. Antecipação da partida (4 a 6 semanas antes do deslocamento)

Assim que é recebida a notificação, as famílias começam a antecipar e a planear a reestruturação inevitável com a partida do militar (Riggs & Cusimano, 2014). Um dos desafios com os quais a família se confronta é a dificuldade em conciliar o tempo, antes da partida, entre a unidade de treino para preparação da missão (e.g., aprontamento) e a família (Van Breda, 1996). Para o membro do casal não-militar, as maiores preocupações focam-se na antecipação da realidade de cuidar sozinho de uma criança, enquanto gere as suas preocupações e as dos filhos relativamente ao pai que estará no TO (DeVoe & Ross, 2012).

2. Desvinculação e retirada (últimos dias antes do deslocamento)

Esta fase caracteriza-se por uma sensação de distância emocional e física. A separação emocional é, muitas vezes, originada pelo desconforto do membro do casal que fica, relativamente à sensação de que a partida do militar se está a aproximar. Este afastamento inclui, muitas vezes, sentimentos de ambivalência, raiva, desespero e desesperança (Hall, 2008; Van Breda, 1996), sendo encarado como o “dizer adeus” (DeVoe & Ross, 2012).

Deslocamento

O deslocamento corresponde ao período em que o militar está geograficamente separado da sua família, iniciando-se no momento da partida do militar para ambientes perigosos e *stressantes* e terminando quando este regressa a casa (DeVoe & Ross, 2012). Nesta etapa do deslocamento Van Breda (1996) identifica três fases distintas do ciclo emocional.

3. Desorganização emocional (primeiras seis semanas após a partida)

Esta fase é caracterizada por desorientação e um misto de emoções (Pincus et al., 2001). A ausência de um elemento fundamental da família leva a reajustamentos na estrutura e funcionamento familiar (Van Breda, 1996), sendo que o membro do casal que fica acarta grande parte das responsabilidades familiares, que antes eram partilhadas. Neste contexto de reajustamento da vida familiar e balanço de necessidades, surgem, também, novos desafios parentais, como a gestão de suporte emocional dado aos filhos; supervisão e monitorização de comportamentos; estabelecimento de novas regras e rotinas; e gestão de papéis e responsabilidades parentais (DeVoe & Ross, 2012; Paley, Lester & Mogil, 2013; Swenson & Wolff, 2011). Os militares relatam sentirem-se mais solitários e frustrados (VanBreda, 1996).

4. Recuperação e estabilização (metade do deslocamento)

Esta fase caracteriza-se por uma reorganização e reestruturação do membro do casal que fica enquanto cônjuge/figura parental (Van Breda, 1996). Para alguns cônjuges, contactarem novamente com o militar (e.g., através dos meios de comunicação disponíveis) pode ser uma experiência estabilizadora. Ao preservar-se uma das principais fontes de suporte, facilita-se a tarefa familiar de manutenção do equilíbrio emocional (Pincus et al., 2001).

5. Pré-reencontro (seis semanas que antecedem o regresso)

Este período é geralmente descrito pelas famílias como a fase em que se “contam os dias” e que se começa a preparar tudo para a chegada do militar (VanBreda, 2001). Esta perceção de regresso eminente é caracterizada, muitas vezes, por ansiedade e apreensão uma vez que existem várias preocupações subjacentes ao regresso e não há tempo para processar essas preocupações ao mesmo tempo que se prepara a chegada (VanBreda, 2001).

Pós-Deslocamento

O pós-deslocamento corresponde à fase que tem início a partir do momento em que o militar regressa a casa e se prepara para reintegrar a vida familiar (Van Breda,

1996). Tem uma duração que varia em função das especificidades familiares (Pincus et al., 2001). O regresso do militar pode ser considerado um grande acontecimento (Baker et al., 1968), traduzindo-se, habitualmente, num período de “lua-de-mel” familiar (Lester & Flake, 2013). Apesar de ser um acontecimento de celebração, esta fase destaca-se por ser emocionalmente complexa e de grandes desafios para a família militar (DeVoe & Ross, 2012; Hazle, Wilcox & Hassan, 2012; Swenson & Wolff, 2011).

6. Adaptação e renegociação (seis semanas após o regresso)

O sentimento de alegria e o bem-estar sentidos durante os primeiros momentos após o regresso do militar podem desaparecer, dando lugar a uma grande ambivalência e a sentimentos caracterizados por ansiedade, raiva e desilusão (Pincus et al., 2001; Swenson & Wolff, 2011).

7. Reintegração e estabilização (seis a 12 semanas após o regresso)

Este período caracteriza-se por uma reorganização e reestruturação das dinâmicas e funcionamento familiar. São estabelecidas novas rotinas, as relações familiares são mais harmoniosas e os membros da família estão mais próximos (Van Breda, 1996). Desta forma, considera-se que, contrariamente ao *deslocamento* que dura um período de tempo específico, o período da *reintegração* é mais subjetivo, na medida em que depende de cada sistema familiar e da capacidade de cada elemento desse sistema para se adaptar ao regresso do militar (Creech, Hadley & Borsari, 2014).

Famílias Militares Portuguesas

Com a crescente participação das Forças Armadas Portuguesas em missões de paz (Carreiras, 1999), foram vários os investigadores que se interessaram pelos processos que estão subjacentes ao serviço militar e pelo desenvolvimento das famílias militares. Segundo Bóia et al. (2016) as repetidas experiências de deslocamento têm o potencial de promover a resiliência e crescimento individual de acordo com a forma como os recursos são mobilizados para a adaptação da família. No que diz respeito às mudanças sentidas pelos cônjuges, estes sentiram mais dificuldades durante o deslocamento, sendo que as dificuldades mais apontadas dizem respeito às preocupações com a segurança e bem-estar do militar e preocupações com as suas condições de vida perante a sua ausência (Martins et al., 2014). Mais, verificou-se que ocorrem mudanças na dinâmica do casal, não só durante a separação, como também nas fases de preparação para a missão e de reintegração do militar. A maior parte das

mulheres experienciaram um fortalecimento na relação de casal, por vezes verificando-se mesmo um aumento da intimidade durante o deslocamento, mas também na véspera da partida e na fase inicial do regresso do militar (Bóia, 2014). Foi possível identificar o foco em atividades extra-trabalho como a principal estratégia de *coping* mais utilizada pelo cônjuge que fica, sendo os meios de comunicação o principal recurso usado pelo casal (Barbudo et al., 2014).

A preparação para a missão requer que o militar passe por uma fase de treino (que pode acontecer longe da família), de formalidades (como a preparação de procurações) e decisões (tais como onde a família vai viver durante o *deslocamento*, cuidados de veículos, arranjos de casa e cuidados infantis) que afetam igualmente a família (Segal, Lane, & Fisher, 2015). Dadas as características geográficas do nosso país, constituído territorialmente por Portugal Continental e Insular, e dadas as circunstâncias do aprontamento militar, torna-se prioritário o estudo sobre as diferenças das vivências destas famílias, não existindo até à data qualquer estudo (que seja do nosso conhecimento) que faça a distinção entre as vivências das famílias militares das ilhas e de Portugal Continental. Enquanto a separação real dos militares de Portugal Continental em relação à família em geral acontece apenas na fase de *deslocamento*, a separação real dos militares das ilhas dos Açores e da Madeira acontece logo no *pré-deslocamento*. Isto porque é durante o *pré-deslocamento* que o aprontamento³ de forças para a participação em missões internacionais se realiza. No entanto, o aprontamento é sempre realizado em Portugal Continental, sendo que, conseqüentemente, os militares das ilhas passam por uma separação mais prolongada (*pré-deslocamento e deslocamento*).

Assim, através do estudo de caso de quatro famílias militares (duas de Portugal Continental e duas dos Açores), esta investigação tem como principais objetivos: (1) identificar e analisar as principais mudanças inter e intrafamiliares sentidas pelos subsistemas parental e filial antes, durante e após o deslocamento do militar em missões internacionais; (2) compreender e analisar as diferenças inter e intrafamiliares antes, durante e após o deslocamento para as famílias das ilhas e de Portugal Continental; (3) identificar recursos internos e externos que ajudam os subsistemas parental e filial dos

³ Enquadrado no âmbito do conceito de treino operacional genericamente definido para este Ramo das Forças Armadas, é realizado um treino orientado para a missão. Este é determinado pelo tempo disponível para o aprontamento, a natureza da missão, tipo de ameaças mais prováveis, características da Área de Operações e pela natureza das forças em presença (Ramalho, 2009).

militares, do continente e das ilhas, a lidar com os desafios associados à participação em missões internacionais.

METODOLOGIA

Enquadramento Metodológico

Este estudo, descritivo e exploratório, segue uma abordagem de natureza qualitativa, de forma a que a compreensão do fenómeno em estudo se caracterize mais em profundidade do que em quantidade (Silverman, 2000). Os resultados que irão surgir são fruto da utilização de métodos que se distinguem pela análise interpretativa, em detrimento da utilização de procedimentos estatísticos (Strauss & Corbin, 1998), enfatizando os processos e significados a partir dos próprios termos dos participantes, de forma a melhor compreender relações e processos característicos de determinadas circunstâncias contextuais (Denzin & Lincoln, 2003; Moore, 2014). O objetivo é conseguir um entendimento subjetivo do fenómeno da vivência familiar da missão, especificamente no que se refere à parentalidade e às relações pais-filhos, dirigindo-se, por isso, a pesquisa para um grupo reduzido.

Neste sentido, o presente estudo apresenta-se sob a forma de estudo de casos, envolvendo uma análise intensiva e aprofundada de um número relativamente pequeno de situações, e dando ênfase à completa descrição e ao entendimento de cada situação (Boyd, Westfall, & Stasch, 1989). Para isso, é necessário obter informações suficientes para caracterizar e explicar as características únicas do caso, bem como apontar as características que são comuns a vários casos (Selltiz, Wrightsman, & Cook, 1976).

Desenho da Investigação

Questão Inicial

O presente estudo parte da seguinte questão inicial, que estrutura o desenho de investigação:

De que forma se diferenciam as vivências das famílias militares de Portugal Continental e das Ilhas, pela participação dos militares em missões internacionais, nomeadamente no que se refere à parentalidade e gestão das relações pais-filhos?

Mapa Conceptual

A Figura 1 corresponde a uma representação gráfica que pretende ilustrar as variáveis em estudo, bem como a relação entre elas. Considerando as características exploratórias do estudo assumiu-se o contexto militar, designadamente uma das suas especificidades (missões internacionais), e o contexto residencial como orientações para a compreensão das dinâmicas e relações das famílias militares. A partir daqui, procurou-se entender de que forma a participação de um elemento do subsistema parental numa

missão internacional de determinado contexto residencial (Portugal Continental ou Ilhas) poderia estar relacionada com alterações ao nível da parentalidade e das respostas emocionais dos filhos. Esta compreensão centrou-se, sobretudo, em três grandes fases da missão, o pré-deslocamento, o deslocamento e o pós-deslocamento, bem como nas especificidades das relações intra e inter-subsistemas, não esquecendo que para os militares das Ilhas, a ausência física acontece, geralmente, em todas as fases da missão. As variáveis recursos externos e recursos internos foram consideradas como potenciais moderadores do impacto desta experiência particular, sendo por isso também alvo de análise.

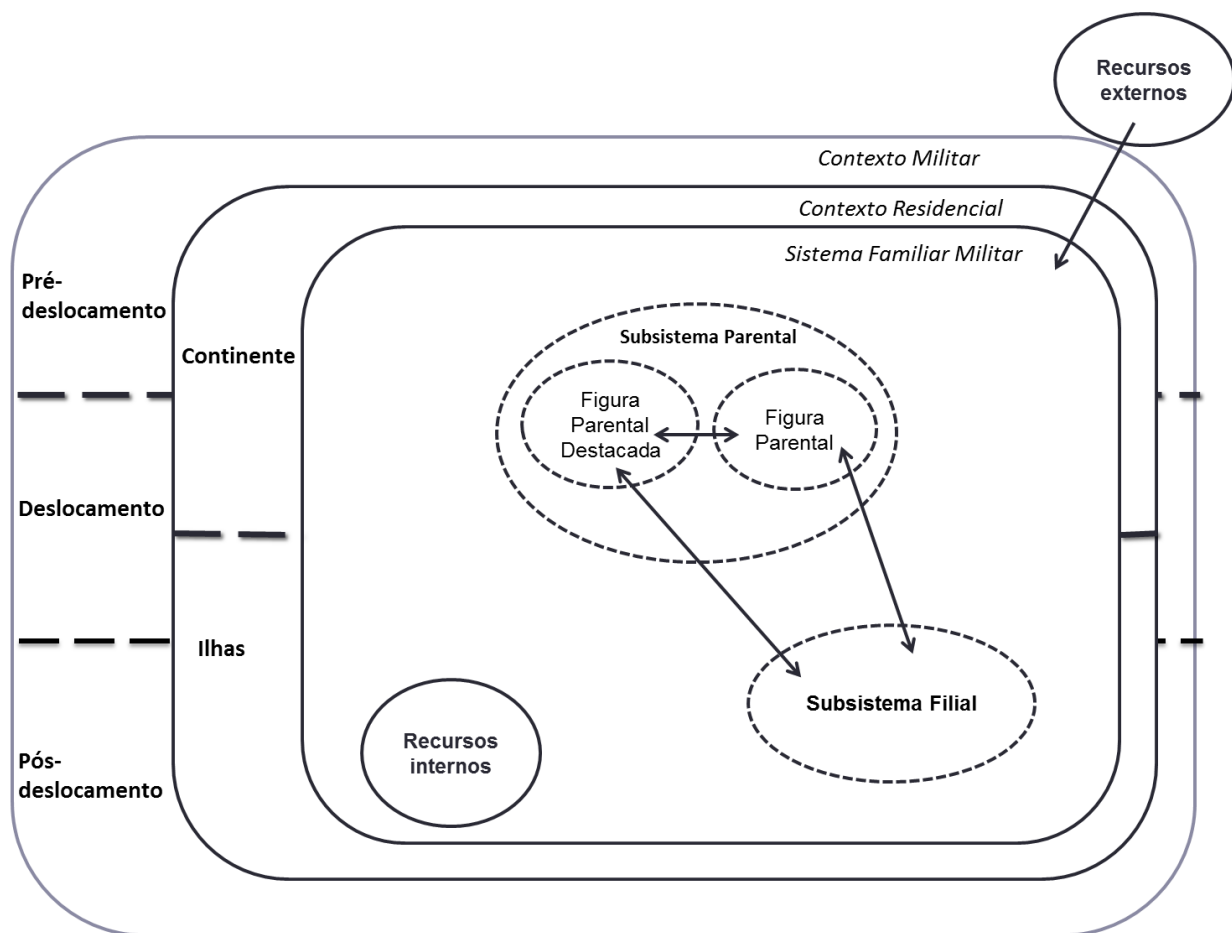


Figura 1. Mapa Conceptual da investigação.

Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo é constituída por quatro famílias, duas de Portugal Continental e duas das Ilhas (especificamente dos Açores). Cada família está representada por três elementos: militar, cônjuge e um filho (o/a mais velho/a de cada fratria). Neste sentido, o número total de participantes é de 12, sendo que cinco são do

sexo feminino e sete do sexo masculino. Os adultos (militares e respetivas cônjuges) têm idades compreendidas entre os 37 e os 48 anos ($M = 42$; $DP = 4.30$), já as crianças/jovens (filhos) têm entre 12 e 16 anos ($M = 13.75$; $DP = 1.70$). Acrescenta-se, ainda, que os casais destas famílias em estudo têm entre 2 ($n = 3$) e 3 ($n = 1$) filhos. Os participantes militares pertencem exclusivamente a um dos Ramos das Forças Armadas Portuguesas – o Exército Português. Estes militares têm entre 1 e 4 participações em missões internacionais, tendo estas decorrido em locais como Afeganistão, Angola, Bósnia, Kosovo, S. Tomé e Príncipe e Timor. Comparativamente, os militares das Ilhas têm entre 1 a 2 participações, no Afeganistão e Kosovo, e os militares de Portugal Continental têm entre 3 a 4 participações, no Afeganistão, Angola, Bósnia, S. Tomé e Príncipe e Timor.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Foi utilizado um questionário sociodemográfico⁴ (Anexo I) com o objetivo de recolher dados complementares que permitissem uma contextualização da informação recolhida através das entrevistas e que fossem pertinentes para a interpretação dos resultados. Desta forma, as questões incidem sobre dados sociodemográficos dos participantes (e.g., sexo, idade, localidade de residência, número e idade dos filhos, habilitações académicas), bem como informação associada ao contexto militar (e.g., número e locais de missões, local e período correspondente à última missão).

Guião de Entrevista Semiestruturada

Na investigação qualitativa, a entrevista semiestruturada (Bogdan & Biklen, 1994; Flick, 2004; Olabuénaga, 2003) tem sido considerada como uma técnica importante nos estudos exploratórios. Esta é guiada e organizada por objetivos gerais pré-definidos que permitem a existência de alguma flexibilidade na forma como os conteúdos e as vivências pessoais são captados (Daly, 2007; Vuga & Juvan, 2013).

No presente estudo foi utilizado um guião de entrevista semiestruturada, construído para a investigação de Doutoramento suprarreferida em que este estudo se insere, considerando sempre os objetivos formulados e os princípios propostos pela literatura sobre investigação qualitativa. Este guião aborda temas gerais que

⁴ O questionário sociodemográfico foi apenas aplicado ao casal e não ao filho.

correspondem aos três períodos centrais da missão, designadamente o Pré-deslocamento, o Deslocamento e o Pós-deslocamento, estando cada um destes temas está organizado por blocos temáticos, tais como Família em Geral, Parentalidade e Conjugalidade, que são orientados por objetivos específicos. Estes objetivos concretizam-se em questões que guiam o decorrer da entrevista. Das temáticas presentes no guião, foram analisadas apenas as que se coadunavam com os objetivos desta investigação (Anexo II).

Procedimento de Recolha de Dados

A recolha da amostra para o estudo foi realizada a partir dos contactos informais disponibilizados pelo investigador principal do projeto, sendo que o Exército Português já tinha previamente autorizado a recolha de dados no âmbito da tese de doutoramento já referida, cujo projeto tinha também sido previamente aprovado pela Comissão de Deontologia da FPUL. Neste sentido, a amostra é considerada de conveniência, tendo os participantes sido escolhidos em função de critérios relevantes para o fenómeno em estudo, nomeadamente o critério de “bons informantes” (Daly, 2007). Foram selecionadas quatro famílias, duas de Portugal Continental e outras duas das Ilhas (mais propriamente dos Açores) e pediu-se que colaborassem nas entrevistas os militares, os cônjuges e os filhos mais velhos. As entrevistas decorreram entre fevereiro e junho de 2014 e em abril de 2016, em Mafra e em Lisboa. Independentemente do local, escolheu-se sempre um espaço silencioso, bem iluminado e com mobiliário apropriado, prevenindo qualquer interrupção na condução das entrevistas. Antes do início da entrevista procedeu-se a uma primeira fase de contextualização e explicação dos objetivos do estudo, sendo simultaneamente garantida a confidencialidade e o anonimato das informações partilhadas. De seguida, os participantes leram e assinaram o consentimento informado (Anexo III) e preencheram o questionário sociodemográfico. As entrevistas realizadas foram gravadas em formato áudio, facilitando, assim, o trabalho dos investigadores na transcrição dos relatos dos participantes.

Procedimento de Análise de Dados

As entrevistas realizadas foram transcritas na sua globalidade e posteriormente analisadas através do processo de Análise Temática (Braun & Clarke, 2006) com recurso ao software QSR NVivo11, que contém um conjunto de ferramentas úteis para o processo de análise da informação qualitativa (Bazeley, 2007). Este é um processo

que se adequa a uma investigação de natureza exploratória e descritiva como esta, pois permite identificar, analisar e descrever padrões que, por sua vez, correspondem a temas, que dão significado ao conjunto dos dados e identificam ideias implícitas e explícitas. Uma vez identificados estes temas, prosseguiu-se para um processo de codificação, através do qual se organizaram as unidades de significado em categorias específicas sempre que se observava um dado padrão (Braun & Clarke, 2006). Este processo de codificação realizou-se por um lado em conceitos e fenómenos descritos previamente na literatura sobre o tema, e por outro na análise dos dados recolhidos através das entrevistas (Charmaz, 2006). Neste sentido, foi possível a construção de uma árvore de categorias, constituída por categorias superiores, às quais estavam agregadas categorias inferiores. Assim, tendo como referencial a questão de investigação inicial, a codificação foi concretizada através de um processo abduutivo, que integra a razão e a criatividade na procura da melhor explicação para os fenómenos em estudo (Daly, 2007). Desta forma, foram analisadas as narrativas dos participantes sobre a experiência vivida, procedeu-se à comparação com a dos restantes e, indutivamente, descreveram-se as experiências comuns. Paralelamente, procurou-se comparar com outros fenómenos descritos na literatura como centrais para a temática em estudo, testando de forma dedutiva a relação entre os dados e a teoria.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O presente estudo teve como objetivos: (1) identificar e analisar as principais mudanças inter e intrafamiliares sentidas pelos subsistemas parental e filial antes, durante e após o deslocamento do militar em missões internacionais; (2) compreender e analisar as diferenças inter e intrafamiliares antes, durante e após o deslocamento para as famílias das ilhas e de Portugal Continental; (3) identificar recursos internos e externos que ajudam os subsistemas parental e filial dos militares, do continente e das ilhas, a lidar com os desafios associados à participação em missões internacionais.

Assim, a análise temática realizada às entrevistas com os vários elementos das quatro famílias militares em estudo resultou em 95 categorias interrelacionadas e organizadas num sistema hierárquico (Anexo IV), que inclui 10 categorias principais:

- a) Fases do Deslocamento Militar, tendo sido identificadas subfases distintas em duas das três fases principais da missão. Neste sentido, na fase precedente à missão, além do *Pré-deslocamento* foram mencionadas as subfases *Antecipação da Partida* e *Desvinculação e Retirada*. Durante a missão, além do Deslocamento surgiu a subfase do *Pré-reencontro*. No final da missão, apenas surgiu a fase do *Pós-deslocamento*. Esta categoria relaciona-se sempre, pelo menos, com uma outra categoria do sistema hierárquico, pelo que não será analisada *per si*.
- b) Local de Partida e Regresso do Militar;
- c) Evolução dos Processos Funcionais e Relacionais ao longo das fases da missão mencionadas anteriormente. Procurou-se compreender como são mantidos ou alterados (aumentando ou diminuindo) determinados processos, ao longo das várias fases. Mais uma vez, esta categoria relaciona-se sempre, pelo menos, com uma outra categoria do sistema hierárquico, pelo que não será analisada *per si*.
- d) Preparativos para a missão;
- e) Respostas do/a(s) Filho/a(s) Face à Missão;
- f) Gestão de Responsabilidades;
- g) Relação pais-filho/a(s);
- h) Rotinas Diárias;
- i) Fatores de stress;

- j) Recursos. Esta categoria relaciona-se sempre, pelo menos, com uma outra categoria do sistema hierárquico, pelo que também não será analisada *per si*.

De modo a fornecer informações acerca das experiências dos participantes e a compreender as vivências inter e intrafamiliares dos subsistemas parental e filial ao longo da missão militar, as várias categorias serão apresentadas e analisadas em simultâneo, relacionando-as entre si. Para ilustrar e melhor transmitir as suas experiências vivenciais e relacionais durante a missão militar, serão apresentadas algumas citações dos participantes⁵.

LOCAL DE PARTIDA E REGRESSO DO MILITAR

Como já referido anteriormente, o deslocamento corresponde ao período em que o militar está geograficamente separado da sua família (DeVoe & Ross, 2012). No caso dos militares das Ilhas, esta separação inicia-se mais cedo do que no caso dos militares do Continente, tal como relatado pelos participantes.

Vai estar ausente no mínimo um ano, com a ida para o continente. (Cônjuge 2, Ilhas, 2 filhos)

Foram duas missões (...). Os meus pais estão no continente, mas a minha família neste momento é aqui. É onde está a minha esposa e os meus filhos, portanto acabam por ser dois deslocamentos. (...) A maioria saía do quartel e ia para casa ter com a família e nós não. (Militar 2, Ilhas, 2 filhos)

No caso dos militares das Ilhas, estes são afastados das suas famílias para realizarem o aprontamento em Portugal Continental, fazendo com que as separações se prolonguem por um tempo superior aos militares do Continente. Por outro lado, mesmo após a missão terminada, ou seja, no pós-deslocamento, muitos militares das Ilhas têm ainda de regressar ao local onde realizaram o aprontamento (em Portugal Continental) antes de regressarem ao seu local de residência.

Eu fazia a vida igual. (...) porque o aprontamento desta última missão foi aqui nos comandos. Ia todos os dias para casa, os outros que estavam fora, ficaram cá. (...) eu ia todos os dias a casa. (Militar 2, Continente, 3 filhos)

⁵ As citações dos participantes serão apresentadas pelo seu estatuto (militar, cônjuge ou filho) e número, de forma a garantir o seu anonimato.

Ainda estive em Viseu para aí três semanas, no pós-deslocamento. Foi horrível isso. Foi o que mais custou de tudo. Tão perto e tão longe. Estávamos completamente saturados, eu não tinha paciência para nada. (Militar 1, Ilhas, 2 filhos)

SteelFisher e colaboradores (2008) apontam que o tempo extenso do deslocamento está fortemente associado com a insatisfação com o Exército. Mais, sugerem ainda que as extensões do deslocamento podem agravar os problemas e frustrações relacionadas com o deslocamento, como referem os nossos entrevistados insulares.

RESPOSTAS DO/A(S) FILHO/A(S) FACE À MISSÃO

As respostas do/a(s) filho/a(s) face à missão (75 referências) identificadas como mais frequentes, independentemente da fase da missão a que se referem, foram: as respostas emocionais (50 referências), os resultados escolares (13 referências), a parentificação (nove referências), a somatização (cinco referências) e a regressão desenvolvimental (quatro referências). Uma análise mais detalhada permite associar algumas destas reações a períodos específicos, estando as três últimas respostas mais associadas ao deslocamento.

Disseram-me que era o homem da casa. Que tinha de ajudar a minha mãe (...) agora que o meu pai ia para fora. (Filho 2, Ilhas, 12 anos).

Sim, as notícias que a minha mãe sabia do meu pai contava só a mim... por ser mais velha. (Filha 2, Continente, 14 anos)

Segundo Jurkovic (1997, 1998) e Minuchin e colaboradores (1967) a **parentificação** pode ser emocional, quando a criança ajuda a figura parental a modular a sua afetividade, neste caso assumindo o papel de confidente direta de assuntos que a preocupam (Card et al., 2011), ou instrumental, quando a criança faz as compras, cozinha, limpa a casa ou ajuda a cuidar dos irmãos. Estes dados vão ao encontro dos resultados do estudo, onde durante a fase do deslocamento se assistiu à dissolução de algumas fronteiras, existindo alguns cenários de parentificação do/a(s) filho/a(s).

Relativamente à **somatização e regressão desenvolvimental**, estes resultados apenas foram encontrados numa das famílias, do contexto residencial das Ilhas.

Ele com 7 anos regrediu um bocado. Ele começou a fazer xixi nas cuecas na escola, andava nervoso. (...) E ele com os nervos fica ainda com mais bronquite. E como ele regrediu, tive vários problemas com ele na escola. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

Estes resultados são congruentes com a literatura sobre este tema, que refere que quanto mais tempo uma das figuras parentais está em missão, maior será o risco de os filhos terem problemas psicológicos, de saúde e comportamentais (Lester & Flake, 2013). Neste sentido, surgiu uma temática importante, como **recurso externo** utilizada por esta família em particular, a procura de apoio psicológico:

(...) a única maneira foi com o psicólogo. Tive de ir com ele ao psicólogo da escola.
(Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

A separação parental por parte de um militar pode despoletar várias **respostas emocionais** nas crianças (Flake, Davis & Johnson, 2009), sendo que neste estudo, durante o pré-deslocamento, destaca-se a curiosidade:

Era mais curiosidades, porque ele é curioso. “O que é que vais fazer? Onde é que vais andar? Vais estar armado?” (...). (Cônjuge 2, Ilhas, 2 filhos)

A curiosidade das crianças desencadeia nas figuras parentais uma outra temática, que são os **preparativos dos filhos para a missão**:

(...) falavam na escola que aquilo é uma região complicada, mas eu disse-lhes sempre que havia pessoas lá que precisavam de ajuda, que queria dar um contributo para que as crianças de lá pudessem ir à escola. É importante eles perceberem que quem vai para lá não vai numa missão unicamente para estar em conflito, é para resolver um conflito. Foi nesta abordagem que foi feito, mas sempre pelo lado positivo. Dizendo que alguém precisa de nós e é por isso que nós existimos. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

Este padrão adequado de comunicação entre pais e filhos auxilia na melhor interação social destes com os pares e na menor probabilidade de apresentarem problemas de comportamento (Bohanek, Marin, Fivush & Duke, 2006). Del Prette e Del Prette (2006) ainda ressaltam a importância do comportamento verbal, ao afirmarem que o papel dos pais, na aprendizagem interpessoal da criança, depende da forma como eles planeiam e conduzem a educação dos filhos. Neste sentido, parece importante ressaltar os **resultados escolares** que, na maioria dos relatos dos participantes, não sofreram alterações (à exceção de uma das famílias das Ilhas, já referida anteriormente).

(...) os resultados escolares são excelentes! Graças a Deus! (...) elas são sempre uma referência para os outros meninos, quando o pai se vai embora. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

Os resultados acima referidos parecem ter associação com a utilização de alguns **recursos internos**, como a experiência adquirida de outras missões. Realmente, o que se pode constatar neste estudo é que as crianças cujos pais já tinham tido experiências de outras missões, conseguiram ter melhores resultados escolares e uma maior adaptação emocional que a única família que nunca tinha passado por uma experiência semelhante e cujo militar realizou apenas uma missão (Família 1, Ilhas). Estes resultados vão ao encontro de um outro estudo realizado com filhos de militares Portugueses, que refere que a habituação ou o facto de as crianças já terem experienciado várias participações dos pais em missões internacionais, faz com que se sintam acostumados a este tipo de situações. Neste sentido, o impacto pode não ser tão grande pois os jovens já tiveram experiências passadas, o que pode ser promotor de uma adaptação positiva a novas missões (Pinto, 2015).

Relativamente à subfase de antecipação da partida, a maioria das referências estão associadas à afetividade, e na subfase de desvinculação e retirada ao choro:

(...) eu noto que eles, no início, quando se está a aproximar a altura de o pai ir embora, acabam por ser mais carinhosos com o pai porque sabem que vão ter o pai ausente durante um período. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

(...) no dia da partida, um dos meus filhos chorou imenso. (Cônjuge 2, Ilhas, 2 filhos)

Apesar da antecipação da partida ser vista como uma fase ambivalente, o nosso estudo demonstra que as crianças acabam por ter reações de afeto com o pai que irá partir em missão. Talvez seja uma forma de demonstrar os seus sentimentos face à ausência do militar. Por outro lado, e em concordância com Pincus e colaboradores (2001), na fase de desvinculação e retirada, as crianças tendem a reagir com choro quase inconsolável, face à partida do militar.

Durante o deslocamento, a resposta emocional das crianças que mais se destacou foi a saudade e a ansiedade na subfase do pré-reencontro:

Ele sentia era falta do pai ali, no dia-a-dia, das brincadeiras deles. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

(...) mal podia esperar para ele chegar (...) estávamos ansiosos por vê-lo. Já não o víamos há muito tempo. (Filho 1, Continente, 13 anos)

O período seguinte à partida também parece ser palco para algumas reações como a saudade (Lester & Flake, 2013). Mais, a ansiedade parece ser particularmente mencionada no contexto do pré-reencontro (DeVoe & Ross, 2002; Pincus et al., 2001), podendo ser desencadeada a partir das reações da mãe à mesma experiência. Tal resultado vai ao encontro de evidências anteriores de Lester e colaboradores (2010, cit. por Creech et al., 2014) que encontraram uma associação positiva entre os sintomas de ansiedade da figura parental não-militar e o surgimento de sintomas de internalização e externalização nas crianças.

Por fim, no pós-deslocamento, a maioria das referências estão associadas mais uma vez à afetividade:

Eu queria estar mais ao pé dele. Estar mais sentado no sofá ao pé dele, e muitos abraços e muitos beijinhos. (Filho 2, Ilhas, 12 anos)

Apesar de depender da idade da criança, esta reação vai ao encontro da literatura que refere que as crianças em idade escolar tendem a querer muito a atenção do pai que esteve ausente em missão (Pincus et al., 2001).

GESTÃO DE RESPONSABILIDADES

Considerando que as missões internacionais implicam a ausência física de um elemento do casal parental, no caso particular das famílias militares os processos de tomada de decisão quanto às responsabilidades parentais e a gestão das relações exigem que a família tenha de (re)negociar e coordenar responsabilidades e tarefas parentais ao longo de toda a missão, procurando manter o equilíbrio e o bem-estar psicológico das crianças (Lester & Flake, 2013). Da análise do discurso dos participantes surgiram duas categorias principais, estando uma delas associada à forma como são geridas as responsabilidades individuais (60,5%) e a outra associada à forma como são geridas as responsabilidades partilhadas (39,5%). Estas surgem muito associadas à forma como o **casal parental se preparava para a missão**, uma vez que essa preparação passa pela gestão das responsabilidades – definindo o que cada um fará individualmente ou partilhando-as.

Desta forma, as responsabilidades individuais assumem maior expressão quando associadas à fase do deslocamento (18 referências do total de 23).

Tudo aquilo que eu tinha como tarefas, passaram para a minha mulher. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

Enquanto que as responsabilidades partilhadas acabam por assumir maior relevo na antecipação da partida (6 de 15 referências) e no pós-deslocamento (5 de 15 referências).

Ia juntamente com a minha mulher entregar os filhos à escola. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

(...) a minha preocupação, quando cheguei, foi tirar carga da minha mulher, partilhando as tarefas com ela. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

No sentido da gestão das responsabilidades, como já referido acima, durante o deslocamento a figura parental feminina, neste caso a mãe, assume um papel preponderante nas **rotinas diárias** das crianças. Tal como comprovado neste estudo, das 33 referências às rotinas diárias, a mãe está associada a 31 destas, assim como a maioria se refere à manutenção das mesmas. Estes resultados vão ao encontro de algumas investigações (e.g., Werner & Shannon, 2013) que refletem a necessidade destas figuras parentais que ficam manterem alguma normalidade e consistência.

Nós acabamos por fazer sempre as mesmas rotinas. Tentamos nunca mudar (...) mesmo para depois as crianças não sentirem que houve ali uma alteração. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Mais, outros relatos surgem associados à ocupação de tempos livres, sendo que, das 9 referências, todas estão associadas às mães, que procuram realizar mais atividades distratoras em família durante este período, acabando estas por funcionar como mecanismo de *coping* que lhes permitem estar juntos, desfrutar de momentos divertidos e reforçar a identidade familiar (Warner & Shannon, 2013).

Íamos ao cinema e íamos os dois passear, muitas vezes à noite. Acabámos por passear mais. Era a melhor maneira de distrair. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

RELAÇÃO PAIS-FILHO/A(S)

A importância da qualidade da relação pais-filhos no desenvolvimento social das crianças tem sido comprovada por diversos estudos nos últimos anos (Gomide, 2003). O baixo envolvimento com o pai ou com a mãe constituem fatores de risco para o desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a eventos ameaçadores externos ao ambiente familiar (Ferreira & Marturano, 2002; Gomide, 2003; McDowell & Parke, 2002; Marturano, 2004), como poderia ser o caso do deslocamento do pai militar numa missão. Por outro lado, os pais que estabelecem um ambiente familiar

acolhedor e que organizam contextos favoráveis para o desenvolvimento da criança estabelecem fatores de proteção para eventos ameaçadores a que usualmente as crianças estão expostas (Del Prette & Del Prette, 1999, 2005; Dessen & Costa, 2005; Yunes, 2003). Da análise realizada surgiram quatro categorias principais, em função da relação entre os pais e o/a(s) filho/a(s), nomeadamente: a figura parental (subcategoria criada especificamente para relacionar com as subcategorias seguintes, pelo que não é analisada individualmente), as características da relação, a omnipresença da figura parental militar e a procura das figuras parentais.

Características da Relação

Atenção às necessidades dos filhos e Disponibilidade física e emocional. Estas duas dimensões da relação foram categorizadas através dos relatos dos participantes e foram analisadas em conjunto, uma vez que ambas são características importantes da responsividade parental, referindo-se à forma como os pais interagem com a criança e respondem atentamente às necessidades das mesmas (Warren & Brady, 2007). Se a responsividade parental for positiva poderá levar a uma maior autorregulação e gestão que as crianças fazem de situações potencialmente *stressantes* (Belsky, 1984; Bugental & Grusec, 2006), como é o caso da ida de uma figura parental para uma missão.

*Eu considero-me uma mãe atenta. Sempre! Esforço-me por isso, pelo menos tento (risos).
Aí, nessas alturas, talvez seja um bocadinho mais e faço o que tenho que fazer para ajudar.* (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

Das dez referências da categoria acima referida, seis correspondem à manutenção na fase do deslocamento com a figura parental feminina.

Acho que estava disponível, como sempre estive, para as crianças. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Da mesma forma, das 13 referências acerca da disponibilidade física e emocional, seis estão associadas à manutenção na fase do deslocamento com a figura parental feminina. Desta forma, estas considerações levam a crer que a disponibilidade parental assume uma posição central quando se reflete sobre os fatores que facilitam a adaptação à missão (Riggs & Riggs, 2011). Mais, ao existir apenas uma figura de vinculação fisicamente disponível, naturalmente que esta assumirá um papel central ao nível dos padrões de vinculação da criança (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Resposta face às reações e comportamentos do/a(s) filho/a(s). Esta categoria corresponde ainda à responsividade parental, referida anteriormente. Neste estudo, e face às reações e comportamentos do/a(s) filho/a(s), durante o deslocamento apenas a figura parental que fica, neste caso a mãe, obteve resultados. Tendo em conta que estamos a falar de um conjunto de comportamentos parentais que surgem em resposta a determinadas reações e comportamentos dos filhos (Warren & Brady, 2007), pode-se referir que as mães reagiam essencialmente de duas formas: com Tolerância ou Exigência perante os comportamentos e reações dos filhos:

Só se as vir tristes. Aí sou capaz de ser mais tolerante em alguma situação. Porque compreendo que seja um bocadinho de tristeza. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

Eu sou mais de falar com ele. Mas tive de o por de castigo. (...) Deixava de ver televisão ou de estar no computador, ou não ia brincar lá para fora. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

A partir dos relatos supramencionados é possível compreender como o aumento da tolerância está sobretudo associado às respostas emocionais das crianças, como por exemplo a tristeza, enquanto o aumento da exigência está associado a comportamentos desadequados das crianças, comportamentos estes que são referidos frequentemente na literatura como comuns nestas situações (Paley et al., 2013; Skinner & Wellborn, 1994).

Dependência da relação. Das três referências dos participantes nesta categoria, todas estão associadas ao aumento durante o deslocamento, com a figura parental que fica, a mãe.

Acabam por ficar mais dependentes da mãe porque é só da mãe que têm ali o apoio. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Proximidade e força da relação. Das 11 referências à proximidade e força da relação, nove estão associadas ao aumento durante a fase do deslocamento com a mãe.

Íamos ao cinema e íamos os dois passear, muitas vezes à noite. Acabámos por passear mais. Era a melhor maneira de distrair. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

Apenas uma referência se foca na figura parental destacada, o pai, associada também ao aumento, mas no pós-deslocamento.

O pai voltou e está ali...vai levá-los à escola, dá-lhes aqueles maminhos. Compensa um bocado o período em que esteve ausente. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

É ainda referida a diminuição, na fase do deslocamento, da proximidade e força da relação com a figura parental destacada, ou seja, com o pai.

Muito pouco. Como o tempo que ele também tinha para falar ao telefone não era muito. Falava um bocadinho com o miúdo, mas quase nada. Afastaram-se um pouco. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

A natureza desafiadora do deslocamento pode levar ao afastamento dos vários elementos da família, mas por outro lado pode contribuir para o fortalecimento de laços familiares e para a solidificação de relações (DeCarvalho e Whealin, 2012). Os nossos resultados são concordantes com ambos os pressupostos, no sentido em que os participantes relatam um aumento da proximidade e da força da relação, mesmo os militares que apesar da ausência física tentaram colmatar esse obstáculo. No entanto, também se verifica o afastamento da figura parental militar.

Expressão do afeto. através do uso de expressões emocionais, como por exemplo abraçar, beijar e verbalizar o quanto se ama a criança (Locke & Prinz, 2002). Das nove referências, sete estão associadas ao aumento da expressão do afeto da parte da figura parental masculina, quer na antecipação da partida quer no pós-deslocamento.

Claro que um indivíduo está preocupado com o que poderá decorrer com a missão e a necessidade de estar um pouco mais próximo, se calhar estar com um olhar diferente, sim. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

Eu acho que houve um apego quando cheguei. Até do cão (risos). Mas principalmente com a minha filha. (Militar 1, Continente, 2 filhos)

Movimentos de compensação. Das sete referências, seis estão associadas ao aumento dos movimentos de compensação da mãe como uma forma de lidar com a ausência do militar, durante o deslocamento.

Eu tento ser ainda melhor do que eu consigo ser como mãe. Porque acho que elas merecem e cabe-me a mim compensar essa ausência. Tenho que ser capaz de o fazer, então esforço-me para elas, apesar do pai não estar, estou cá eu e estou a dobrar. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

A gente saía muito, o miúdo gostava muito de sair. Então saíamos. Comprei-lhe um cão pequenino para lhe fazer companhia, na altura. Assim pelo menos não estava tão sozinho. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

Apenas uma referência está associada à figura parental masculina, no pós-deslocamento, com o aumento dos movimentos de compensação, devido à sua ausência:

O pai voltou e está ali. Agora vai levá-los à escola, dá-lhes aqueles miminhos. Compensa um bocado o período em que esteve ausente. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Gestão de questões e preocupações associados à missão. Das oito referências relativas à gestão de questões e preocupações associados à missão, cinco estão associadas ao aumento desta gestão, durante a antecipação da missão, da figura parental masculina.

Nós explicamos sempre como é que aquilo é. Nesta última missão, como foi uma missão no âmbito das Nações Unidas, mostrámos como é que as crianças lá vivem. Acho que se tiram aprendizagens disso. Portanto acho que nesse aspeto eles acabam por perceber sempre porque é que o pai foi e o que é que ele foi lá fazer. Também é importante! Explicar e eles também saberem. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Perda de eventos importantes. Walsh e colaboradores (2014) concluíram que um dos principais desafios da participação numa missão internacional parece ser a perda de eventos e acontecimentos familiares importantes, durante o deslocamento, havendo um foco na perda do desenvolvimento e crescimento dos filhos. Os resultados do nosso estudo são concordantes com estas conclusões, uma vez que os participantes (pais e filhos) consideraram que uma das principais consequências negativas do deslocamento está associada à perda de transições importantes que os militares, por estarem ausentes fisicamente, acabam por perder.

(...) fui mãe duas vezes sozinha, não é fácil. Foram duas gravidezes diferentes, mas sempre sem ele. Ele não está nos primeiros meses, que também é sempre importante. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

(...) o meu pai não assistiu ao nascimento da minha irmã. Eu assisti, peguei na minha irmã ao colo. No dia do meu aniversário também não estava. (Filho 1, Ilhas, 16 anos)

Envolvimento do Pai. O envolvimento parental, especificamente na relação pai-filho, é um constructo multidimensional que abarca diferentes formas de envolvimento alternativas à presença e interação física (Palkovitz, 1997). Dadas as especificidades das famílias militares, não se exclui a possibilidade de manutenção do envolvimento na vida familiar (e especificamente no quotidiano dos filhos), mesmo perante uma separação física, tal como os nossos participantes referem.

Eu também levava sempre a conversa para as atividades deles, como é que estava a correr o andebol, como é que estava a correr com os cavalos, como é que estava a escola. Quais eram as dificuldades que eles estavam a sentir (...). (Militar 1, Continente, 2 filhos)

Falávamos com ele diariamente, sempre que possível e às vezes mais que uma vez por dia. Aliás, o pai participa imenso na vida familiar, na mesma. Chegamos a estar os cinco. O pai com câmara e nós aqui, tipo Big Brother (risos). (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

A manutenção do envolvimento da figura parental militar nas relações, dinâmicas e rotinas familiares, só é possível através dos meios de comunicação, que por sua vez oferecem a possibilidade de ver e ouvir o outro em tempo real (Barbudo et al., 2014; Laser e Stephens, 2011; Martins et al., 2014). Desta forma, os meios de comunicação foram referidos como sendo de extrema importância, uma vez que permitem o contacto entre o militar e os restantes elementos da família, e consequentemente promoverem a relação entre pais e filhos (Houston et al., 2013).

Omnipresença da Figura Parental Militar

A onnipresença da figura parental militar foi outra das categorias que emergiu dos relatos dos participantes, e que se relaciona diretamente com as categorias anteriormente referidas (envolvimento do pai e meios de comunicação). A onnipresença é entendida como a presença psicológica e emocional, mesmo durante o período de ausência física (Bóia et al., 2016).

Nós jantávamos os quatro à mesa, só que com o pai era com o portátil em cima da mesa (risos). Portanto acabava por estar sempre presente nas conversas e ao jantar normalmente estava sempre presente. (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Falava com ele todos os dias, portanto era quase a mesma coisa. O que falava com ele quando chegava a casa era o que falava com ele todos os dias pelo Skype. (Filho 1, Continente, 13 anos)

Os participantes referem que a ausência do militar é apenas física porque continua envolvido em vários aspetos da vida familiar, sendo apenas possível derivado aos meios de comunicação que mantém os vínculos (Greene et al., 2010), surgindo todas as referências à onnipresença da figura parental militar (10 referências) também associadas aos meios de comunicação.

Procura das Figuras Parentais

Um outro resultado que emergiu da análise dos relatos dos participantes está associado à forma como as próprias crianças gerem a procura das figuras parentais. Mais concretamente, foi possível perceber se a procura das figuras parentais se manteve ou alterou, em função das fases do deslocamento. Das quatro referências a esta questão, pode-se verificar que as crianças recorrem a ambas as figuras parentais mesmo na fase do deslocamento, estando três das quatro referências associadas ao deslocamento e apenas uma à desvinculação e retirada.

Sabem que o pai está lá [na missão], mas também está com elas. Se precisarem, pegam no telefone e falam com o pai e choram porque a irmã tirou o brinquedo. Isso ligam logo para o pai e fazem queixinhas. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

De acordo com a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1977), a consideração do contexto no qual as relações pais-filhos vão sendo desenvolvidas e consolidadas é imperativa. Ainda assim, para além da procura das figuras parentais, as crianças também puderam contar com o apoio de outros elementos, assim como os restantes elementos da família. Neste sentido, a família alargada e os amigos assumem uma posição de destaque enquanto principais figuras de **suporte** (Barbudo et al., 2014; Riggs & Cusimano, 2014) e a referência à sua presença é frequente no discurso das famílias:

Talvez a minha avó. Normalmente ajudava nos almoços. Vinha passar a noite, quando a minha mãe não podia nos ir buscar. (Filho 1, Continente, 13 anos)

(...) tive uma senhora, que é a avó de uma amiga da minha filha, que me ajudou também bastante. Principalmente com a menina porque estavam as duas na mesma escola e acabava por levar a minha filha para casa dela. Foi uma grande ajuda, nesse aspeto foi uma grande ajuda (...). (Cônjuge 1, Continente, 2 filhos)

Mais, a família surge como principal fonte de suporte funcional durante o deslocamento, o que vai ao encontro da visão destas figuras como cuidadores adicionais, que apoiam tanto os cônjuges, como as crianças com tarefas e rotinas diárias (Belsky, 1984; Paley et al., 2013).

A minha mãe entregava as crianças na escola de manhã (...) essa ajuda de manhã era fundamental! Se não fosse ela, elas não iam à escola. (Cônjuge 2, Continente, 3 filhos)

FATORES DE *STRESS*

As famílias militares sofrem com as exigências face ao trabalho e à família, uma vez que são confrontadas com eventos e experiências geradoras de *stress*, tais como a participação em missão internacional (Andres, Moelker, & Soeters, 2010), mas também com outros fatores de *stress* adicionais, que podem decorrer da etapa do ciclo de vida em que se encontram ou não. Da análise dos principais fatores de *stress* resultaram, assim, duas categorias gerais: fatores de *stress* relacionados com a missão (41,5%) e exteriores à missão (58,5%).

Relacionados com a missão. Os participantes referiram sobretudo fatores particulares da missão como sendo fonte de *stress* e contribuindo para o aumento dos níveis de ansiedade e preocupação, sendo os principais o risco associado ao local da missão (15 referências) e segredos da missão (duas referências).

Era muito mau para onde ele ia (Afeganistão). As outras eram mais calmas, esta era mais violenta. (Filha 2, Continente, 14 anos)

Este fator, parece ser o que maior impacto tem na adaptação familiar, no sentido em que os participantes percecionam o local onde a missão é realizada como sendo perigoso e colocando em risco a segurança do militar. Em concordância com os nossos resultados, Werner e Shannon (2013) concluíram que as mortes anteriores nos TO eram uma das principais razões para haver uma preocupação acrescida com a segurança e bem-estar do militar. Mais, tendo em conta os locais das missões internacionais deste estudo, é sabido que o Afeganistão ainda não é caracterizado pela paz e estabilidade, sendo que os militares correm um grande risco (Fortna, 2008). Hoge e colaboradores (2006) revelam que existe um forte impacto da participação em missões no Afeganistão na saúde psicológica do militar comparativamente com outros TO. Para além disso, outras investigações com militares Portugueses também apontam que os militares revelam que frequentemente sentem desagrado quanto ao tipo de trabalho, uma vez que não se moldava ao treinamento da fase anterior à missão (Dias, 2015).

Exteriores à missão. Outros fatores também foram apontados pelos participantes como contribuindo para o aumento dos níveis de *stress*, nomeadamente o processo de gravidez (15 referências – duas famílias), construção de uma casa (12 referências – duas famílias) e internamento no hospital (8 referências – uma família). Neste contexto, o processo de gravidez parece ser uma das preocupações principais, no sentido em que as

separações repetidas e prolongadas associadas ao deslocamento implicam, muitas vezes, a ausência do militar em momentos e fases importantes. A perda do período de gestação (gravidez propriamente dita) e do parto dos filhos é exemplo disso e inevitavelmente contribui para exacerbar os níveis de *stress* não só da grávida, como do militar e das crianças (Boulding, 1950).

Uma pessoa está em casa sozinha, grávida... fazer as ecografias. Sem ele ao lado, é muito mais complicado. E ele só chegou um mês e tal depois da miúda nascer. Não apanhou o nascimento, que foi pior. Ainda para mais fiz cesariana. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

Foi muito complicado para mim, porque na altura estávamos a iniciar a casa e eu fiquei com a obra toda a meu cargo, mais os miúdos. (Cônjuge 2, Ilhas, 2 filhos)

Eu tive internada uma semana, depois tive de ir outra vez para o hospital por causa da miúda que também esteve internada. (Cônjuge 1, Ilhas, 2 filhos)

CONCLUSÃO

Esta é uma investigação que conta com três informadores de cada família (mãe – figura parental que fica; pai – figura parental destacada; filho/a – elemento mais velho/a da fratria), o que tornou a análise mais compreensiva dos fenómenos em estudo, tendo como referencial uma visão sistémica e ecológica (Bertalanffy, 1968; Bronfenbrenner, 1977), de forma a cruzar perspetivas, visões e perceções de uma mesma experiência.

De facto, a frequente separação de um elemento do sistema familiar é uma das características distintivas da profissão militar (Vuga & Juvan, 2013; Wood et al., 1995). Partindo deste pressuposto, o principal objetivo desta investigação prendeu-se com a sensibilização das vivências inter e intrafamiliares dos militares das Ilhas, que diferem das famílias de Portugal Continental, sobretudo, pela extensão do período de separação. Este ponto chave pode levar a várias alterações, nomeadamente nas respostas dos filhos face ao período de ausência do militar, tal como previsto pela literatura (Riggs & Cusimano, 2014; Rosen & Durand, 2000; Segal, 1986; SteelFisher et al., 2008).

No pré-deslocamento, a preparação dos filhos é um fator importante, sendo fundamental o papel da comunicação clara sobre o próprio contexto da missão, criando condições para a sua compreensão e, conseqüentemente, contribuindo para a promoção da relação pais-filhos (Riggs & Cusimano, 2014; Saltzman et al., 2013) No nosso estudo, apesar de para os militares das Ilhas o pré-deslocamento já ser realizado longe

das famílias, a preparação da ida em missão existiu, não diferindo muito das famílias de Portugal Continental. Apenas numa família das Ilhas, o filho pareceu não demonstrar tanta afetividade na antecipação da partida como no caso das restantes famílias em estudo, primando mais pelo evitamento. No deslocamento, o aumento das responsabilidades da mãe⁶ é uma das principais dificuldades durante a ausência do militar (DeVoe & Ross, 2012; Pincus et al., 2001; Walsh et al., 2014; Werner & Shannon, 2014). De forma a lidar com o *stress* associado, a maioria das famílias evidencia como mecanismo de *coping* as atividades de ocupação de tempos livres, contribuindo simultaneamente para o fortalecimento da relação mãe-filhos. O aumento da proximidade desta relação é evidente e consequência do aumento da responsividade parental durante este período. No entanto, não parecem existir alterações significativas ao nível do envolvimento do militar na vida familiar, no sentido em que este permanece presente psicológica e emocionalmente, sobretudo face à utilização de diversas tecnologias de informação e comunicação. Relativamente às diferenças entre contextos residenciais, parece não haver diferenças relevantes no que refere às respostas do/a(s) filho/a(s) durante este período de ausência, já que, de facto, todas as crianças demonstraram sentir saudades da figura parental destacada, sendo este o sentimento predominante. A maior diferença surge quando, ao analisar as experiências anteriores dos militares noutras missões, apenas uma família das Ilhas não tinha tido nenhuma experiência prévia, levando a maiores dificuldades comportamentais da criança, nomeadamente a regressão desenvolvimental e somatização. Mais, os fatores de *stress* exteriores à missão, nesta família, como um internamento hospitalar, o processo de gravidez e a construção de uma nova casa, podem ter levado a uma maior dificuldade na gestão de emoções e comportamentos, da criança e da mãe, face à ausência da figura parental masculina. No pós-deslocamento, para além da prolongada separação aquando da chegada dos militares das Ilhas, por terem ainda de permanecer um período de tempo no local de aprontamento (Continente), e isso gerar alguma frustração nos militares, parece não haver diferenças a assinalar entre as famílias das Ilhas e do Continente. Nas famílias das Ilhas, pode-se dizer que a subfase do pré-reencontro se estende um pouco mais, mesmo aquando da chegada do militar ao continente, sendo caracterizada por ansiedade pela chegada do militar. Após chegar junto da família, em qualquer contexto

⁶ Neste estudo, a mãe refere-se sempre à figura parental que fica.

residencial, há um aumento da realização de atividades familiares e da procura do pai militar por parte das crianças, facilitando a reintegração do mesmo.

LIMITAÇÕES

Em primeiro lugar, o facto de a dimensão da amostra ser reduzida (N=12) e apenas contar com duas famílias de cada contexto residencial poderá comprometer o alcance efetivo das características distintivas desta população. Seria, assim, interessante fazer um levantamento de mais famílias de ambos os contextos residenciais. Em segundo lugar, as entrevistas realizadas com as crianças (filhos) pareceram não acrescentar muita informação, uma vez que estas aparentemente ficaram “acanhadas” perante a situação de entrevista. Acresce também o facto de a entrevista ter sido apenas realizada à criança mais velha da fratria, não tendo sido explorada a perspetiva dos restantes filhos do militar. Em terceiro lugar, considera-se a possibilidade de a entrevista semiestruturada, em parte, contribuir para o enviesamento de respostas. As expectativas dos participantes quanto ao que deve ser comunicado podem estar associadas a uma imagem social da vida militar, sendo necessário refletir com cuidado sobre os resultados. Por último, aponta-se o processo de codificação e análise de dados como podendo envolver alguma subjetividade. Destaca-se, ainda, como limitação o facto de o estudo se reportar apenas a um dos ramos das Forças Armadas: o Exército Português. Este fator pode limitar a generalização dos resultados obtidos a outros ramos.

IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO

Apesar das limitações acima mencionadas, os resultados deste estudo têm implicações relevantes para a investigação futura. Tendo em conta a escassez de estudos que investigam o impacto da participação de uma figura parental militar de diferentes contextos residenciais, como é o caso das Ilhas e do Continente, na parentalidade (especificamente na relação pais-filhos), o presente estudo constitui um avanço nesta área, considerando-se inovador e pertinente. Algumas pistas surgiram no que respeita à extensão da separação por parte dos militares das Ilhas em relação às suas famílias, nomeadamente nas respostas das crianças face a esta separação prolongada, acentuando-se quando existem fatores de *stress* adicionais a esta separação, sugerindo-se, portanto, a condução de estudos que permitam o aprofundamento de algumas delas. Seria interessante também aprofundar a reação dos militares face a esta separação prolongada, uma vez que, neste estudo, estes relataram ficar frustrados, questionando-os mesmo sobre formas de evitar ou lidar com essa frustração.

Sugere-se, também, um aprofundamento das especificidades associadas à parentalidade, procurando investigar de que forma o funcionamento conjugal influencia os comportamentos parentais e coparentais destas famílias, através de mecanismos de *spillover* (relação mãe-filhos, pai-filhos e mãe-pai-filhos). Seria também interessante explorar as diferenças de género e as etapas de desenvolvimento de cada uma das crianças, comparando-as entre si, uma vez que se sabe que as reações dos filhos, às experiências características das várias fases da missão, são diferentes em função do estágio de desenvolvimento em que se encontram e do seu sexo (Creech et al., 2014). Considera-se, ainda, relevante a realização de estudos longitudinais, de forma a compreender a estabilidade/mudança temporal de determinados processos funcionais e relacionais. Ao estudá-los ao longo das várias fases de uma missão internacional poder-se-á aceder às perceções dos participantes enquanto estão a passar pela experiência e não só retrospectivamente, agindo sobre o imediato e ampliando o conhecimento das especificidades desta população. Futuramente, seria interessante considerar subgrupos de amostra que primassem pela integração de informantes dos três ramos: Exército Português, Marinha de Portugal e Força Aérea Portuguesa.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Quanto às implicações práticas desta investigação, destacam-se algumas pistas importantes para a prevenção/intervenção com estas famílias. Alguns temas evidenciam-se como particularmente importantes: a separação prolongada no caso dos militares das Ilhas, sendo essencial um maior apoio prestado pelos técnicos que trabalham diretamente com esta população, não só ao militar insular, como também à sua família; e a parentalidade, nomeadamente, na gestão de regras e responsabilidades familiares, gestão de comportamentos parentais e coparentais, envolvimento positivo nas relações pais-filhos, compreensão e preparação necessária à transição bem-sucedida de cada fase da missão.

Neste sentido, torna-se essencial o desenvolvimento de programas de promoção da resiliência, que minimizem os riscos associados à participação em missões internacionais e, conseqüentemente, à separação familiar, e potenciem relações familiares e recursos da comunidade. É importante reforçar o papel relevante de intervenções precoces e prévias à consolidação de padrões de interação disfuncionais que prejudicam a adaptação a experiências particulares de *stress*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alfano, C., Lau, S., Balderas, J., Bunnell, B., & Beidel, D. (2016). The impact of military deployment on children: Placing developmental risk in context. *Clinical Psychology Review*, 43, 17-29. doi: 10.1016/j.cpr.2015.11.003.
- American Psychological Association (APA), Presidential Task Force on Military Deployment Services for Youth, Families, and Service Members (2007). *The psychological needs of U. S. Military service members and their families: A preliminary report*.
- Andres, M. D., & Soeters, J. (2010). *Behind family lines: Family members' adaptation to military-induced separations*. Broese & Peereboom, Breda. Retirado de: <http://hbokennisbank.uvt.nl/cgi/nda/show.cgi?fid=1684>
- Baltazar, M. S., & Salvador, R. (2012). Impactos da profissão militar nos padrões familiares: Reconfigurações a partir do caso particular do comando de instrução e doutrina. Comunicação Oral apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia*, Porto.
- Barbudo, M., Francisco, R., & Santos, R.P. (2014). Vivências de militares em missões internacionais: O impacto nas relações conjugais. *Revista de Psicologia Militar*, 23, 9- 35.
- Bazeley, P. (2007). *Qualitative data analysis with NVivo*. London: Sage Publications.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Bertalanffy, L. (1968). *General System Theory: Foundations, Development, Applications*. New York: George Braziller.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bohanek, J. G., Marin, K. A., Fivush, R., & Duke, M. (2006). Family narrative interaction and children's self-understanding. *Family Process*, 45, 39-54. doi:?
- Bóia, A. (2014). *O impacto das missões internacionais na dinâmica dos casais militares portugueses: um estudo exploratório*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

- Bóia, A., Marques, T., Francisco, R., Ribeiro, M. T., & Santos, R. P. (2016). *Impact of international missions in marital relationship and parenting: An exploratory study*. Manuscrito submetido para publicação.
- Boulding, E. (1950). Family adjustments to war separation and reunion. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 272, 59-67. doi: 10.1177/000271625027200109
- Bowen, G. L., Martin, J. A., & Mancini, J. A. (2013). The resilience of military families: Theoretical perspectives. In M. A. Fine & F. D. Fincham (Eds.), *Handbook of Family Theories: A Content-Based Approach* (pp. 417-436). New York: Routledge.
- Boyd, H., Westfall, R., & Stasch, S. (1989). *Marketing research: text and cases* (7th ed.). Boston: Irwin.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531. doi: 10.1037/0003-066X.32.7.513
- Bugental, D. B., & Grusec, J. E. (2006). Socialization process. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology* (Vol. 3, pp.366-428). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.,.
- Burrell, L. M., Adams, G. A., Durand, D. B., & Castro, C. A. (2006). The Impact of Military Lifestyle Demands on Well-Being, Army, and Family Outcomes. *Armed Forces & Society*, 33, 43-58.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Carreiras, H. (1999). Mulheres Militares em Portugal (1992-1998). Políticas, Processos e Protagonistas. *Nação e Defesa*, 88, 2ª Série, 81-111.
- Card, N. A., Bosch, L., Casper, D. M., Wiggs, C. B., Hawkins, S. A., Schlomer, G. L., & Borden, L. M. (2011). A meta-analytic review of internalizing, externalizing, and academic adjustment among children of deployed military service members. *Journal of Family Psychology*, 25, 508-520. doi: 10.1037/a0024395
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393-406.

- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications.
- Creech, S. K., Hadley, W., & Borsari, B. (2014). The impact of military deployment and reintegration on children and parenting: A systematic review. *Professional Psychology: Research and Practice*, 1-13.
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- De Burgh, H. T., White, C. J., Fear, N. T., & Iversen, H. C. (2011). The impact of deployment to Iraq or Afghanistan on partners and wives of military personnel. *International Review of Psychiatry*, 23, 192-200.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Training parent social skills for families of children with behavior problems. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 407-414.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2003). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In K. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials* (pp. 1-45). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Dessen, M. A., & Costa, A. L. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: ARTMED.
- DeVoe, E. R., & Ross, A. (2012). The parenting cycle of deployment. *Military Medicine*, 177(2), 184-190.
- Dias, C. (2015). *O Militar Português nas Operações de Apoio à Paz: Qual o Impacto dos Indutores de Desconforto Associados à Missão e à Família na Sintomatologia Psicológica?* Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.

- Flake, E., Davis, B. E., & Johnson, P. L. (2009). The Psychosocial effects of deployment on military children. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 30(4), 271-278.
- Flick, U. (2004). *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid: Ediciones Morata, S. L.
- Fortna, V. P. (2008). *Does peacekeeping work shaping belligerents' choices after civil war?* Princeton: Princeton University Press.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Greene, T., Buckman, J., Dandeker, C., & Greenberg, N. (2010). How communication with families can both help and hinder service members' mental health and occupational effectiveness on deployment. *Military Medicine*, 175(10), 745-749.
- Guba, A., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Hall, L. (2008). *Counseling Military Families: What mental health professionals need to know*. New York: Routledge.
- Hazle, M., Wilcox, S., & Hassan, A. (2012). Helping veterans and their families fight on! *Advances in Social Work*, 13(1), 229-242.
- Hoge, C. W., Auchterlonie, J. L., & Milliken, C. S. (2006). Mental health problems, use of mental health services, and attrition from military service after returning from deployment to Iraq or Afghanistan. *Journal of the American Medical Association*, 295(9), 1023-1032.
- Hollingsworth, W. G. (2011). Community Family therapy with military families experiencing deployment. *Contemp Fam Ther*, 33, 215-228.
- Houston, J. B., Pfefferbaum, B., Sherman, M. D., Melson, A. G., & Brnad, M. W. (2013). Family communication across the military deployment experience: child and spouse report of communication frequency and quality and associated emotion, behaviors, and 61 reactions. *Journal of Loss and Trauma*, 18, 103-119. doi: 10.1080/15325024.2012.684576
- Jurkovic, G. J. (1997). *The plight of the parentified child*. New York: Brunner Mazel Inc.

- Jurkovic, G. J. (1998). *Destructive parentification in families: Causes and consequences*. New York: The Guilford Press.
- Laser, J. A., & Stephens, P. M. (2011). Working with military families through deployment and beyond. *Clinical Social Work Journal*, 39, 28-38. doi: 10.1007/s10615-010-0310-5
- Lester, P., & Flake, E. (2013). How Wartime Military Service Affects Children and Families. *Future of Children*, 23(2), 121-141.
- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review*, 22, 895-929.
- Marques, T. (2014). “O Papá foi para a guerra, e agora?” – O impacto das Missões Internacionais na parentalidade em famílias militares: um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa, Portugal.
- Martins, T., Santos, R.P., & Francisco, R. (2014). Mudanças familiares e rede social dos cônjuges de militares em missão: Um estudo exploratório. *Revista de Psicologia Militar*, 23, 131-155.
- Marturano, E. M. (2004). Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio-emocional de crianças com dificuldades de aprendizagem. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.), *Avanços recentes em Educação Especial* (pp.159-165). São Carlos: EDUFSCar.
- McDowell, D. J., & Parke, R. D. (2002). Parent and child cognitive representations of social situations and children’s social competence. *Social Development*, 11(4), 469-486.
- McHale, J. P. (2007). *Charting the bumpy road of coparenthood: Understanding the challenges of family life*. Washington, DC: ZERO TO THREE.
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoucey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 75-90). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B., & Schumer, F. (1967). *Families of the Slums: an Exploration of Their Structure and Treatment*. New York: Basic Books.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge: Harvard University Press.

- Moore, B. L. (2014). In-depth interviewing. In J. Soeters, P. M. Shields & S. Rietjens (Eds.), *Routledge handbook of research methods on military studies* (pp. 116-128). New York: Routledge.
- Olabuénaga, J. I. R. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa* (3ª edição). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing “Involvement”: Expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dolahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives. Current issues in the family series* (Vol. 3, pp.200-216). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Paley, B., Lester, P., & Mogil, C. (2013). Family Systems and Ecological Perspectives on the Impact of Deployment on Military Families. *Clinical Child & Family Psychology Review*, 16, 245-265.
- Pincus, S., House, R., Christenson, J., & Alder, L. (2001). *The emotional cycle of deployment: A military family perspective*. Retirado de: <https://msrc.fsu.edu/system/files/The%20Emotional%20Cycle%20of%20Deployment%20-%20A%20Military%20Family%20Perspective.pdf> (Consultado em Janeiro de 2016).
- Pinto, A. R. (2015). *Projecto EU, TU & NÓS na Escola: Impacto das Missões Internacionais nos Jovens Filhos de Pais Militares e a Importância do Apoio da Comunidade Escolar*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Ramalho, J. P. (2009). O Aprontamento e Sustentação das Forças do Exército nas Missões Internacionais da NATO. *Nação e Defesa*, 63–80.
- Relvas, A. P. (2004). *O Ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Riggs, S. A., & Cusimano, A. (2014). The dynamics of military deployment in the family system: What makes a parent fit for duty? *Family Court Review*, 52, 381-399.
- Riggs, S. A., & Riggs, D. S. (2011). Risk and resilience in military families experiencing deployment: The role of the family attachment network. *Journal of Family Psychology*, 25, 675-687. doi: 10.1037/a0025286
- Rosen, L. N., & Durand, D. B. (2000). Coping with the unique demands of military life. In J. A. Martin, L. N. Rosen, & L. R. Sparacino (Eds.), *The military family*, 55-72. Westport, CT: Praeger.

- Roy, K. M. (2005). Transitions on the margins of work and family life for low-income AfricanAmerican fathers. *Journal of Family and Economic Issues*, 26(1), 77-100.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Segal, M. W. (1986). The military and the family as greedy institutions. *Armed Forces & Society*, 13, 9-38.
- Segal, M. W., Lane, M. D. & Fisher, A. G. (2015). Conceptual model of military career and family life course events, intersections, and effects on well-being. *Military Behavioral Health*, 3, 95-107. doi: 10.1080/21635781.2015.1009212.
- Selltiz, C., S. Wrightsman and S.W. Cook (1976). *Research Methods in Social Relations*, 3, New York: Wiley.
- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practical handbook*. London: Sage Publications.
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*, 11(20), 75-99.
- Sheppard, S. C., Malatras, J. W., & Israel, A. C. (2010). The impact of deployment on U.S. Military Families. *American Psychologist*, 65, 599-609.
- Skinner, E. A., & Wellborn, J. G. (1994). Coping during childhood and adolescence: A motivational perspective. In R. Lerner, D. Featherman, & M. Perlmutter (Eds.), *Life-span development and behavior*, 12 (pp. 91–123). Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Sousa, J. (2006). As famílias como projetos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber(e)Educar*, 11, 41-47.
- SteelFisher, G. K., Zaslavsky, A. M., & Blendon, R. J. (2008). Health-related impact of deployment extensions on spouses of active duty Army personnel. *Military Medicine*, 173, 221-229.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. London: Sage Publications.
- Swenson, R., & Wolff, J. (2011). Deployment for military families carries emotional and behavioral consequences. *Brown University Child & Adolescent Behavior Letter*, 27(10), 1-7.

- Van Breda, A. (1996). *Emotional cycles of deployment in the South African naval family: A collection of studies and essays*. Institute for Maritime Medicine, Social work department.
- Vuga, J., & Juvan, J. (2013). Inside the military organization: Experience of researching the Slovenian Armed Forces. In H. Carreiras & C. Castro (Eds.), *Qualitative methods in military studies: Research experiences and challenges* (pp. 116-131). New York: Routledge.
- Walsh, T. B., Dayton, C. J., Erwin, M. S., Muzik, M., Busuito, A., & Rosenblum, K. L. (2014). Fathering after military deployment: Parenting challenges and goals of fathers of young children. *Health & Social Work, 39*, 35-44. doi: 10.1093/hsw/hlu005
- Warren, S. F. & Nancy, B. C. (2007). The Role of Maternal Responsivity in the Development of Children with Intellectual Disabilities. *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews, 13*, 330 – 338.
- Werner, T. L., & Shannon, C. S. (2013). Doing more with less: Women's leisure during their partners' military deployment. *Leisure Sciences, 35*, 63-80. doi: 10.1080/01490400.2013.739897
- Wood, S., Scarville, J., & Gravino, K. S. (1995). Waiting wives: Separation and reunion among Army wives. *Armed Forces & Society, 21*, 217-236.
- Yeatman, G. W. (1981). Paternal separation and the military dependent child. *Military Medicine, 146*, 320-322.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo, 8*, 75-84.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Cód. _____

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo: M ☐ F ☐ 2. Idade _____ 3. Data de Nascimento ____ / ____ / ____

4. Estado Civil:

- a. Casado(a) ☐, há quantos anos? _____
- b. União de fato ☐, há quantos anos? _____
- c. Solteiro(a) ☐
- d. Viúvo(a) ☐
- e. Outra situação: _____

5. Localidade onde nasceu: _____ 6. Localidade de residência: _____

7. Tem filhos:

Sim ☐ Não ☐

8. Quantos? _____, quais as idades? _____

9. Tem irmãos/irmãs:

Sim ☐ Não ☐

10. Quantos? _____

11. Grau de parentesco em relação ao militar:

- a. Próprio(a) ☐
- b. Cônjuge/Companheira(o) ☐
- c. Pai/Mãe ☐
- d. Filho(a) ☐
- e. Irmão(ã) ☐

12. Número de elementos do seu agregado familiar: _____

13. Identificação do **agregado familiar**:

- a) Cônjuge/Companheira(o) ☐; profissão _____
- b) Filho(s)/a(s) ☐; profissão _____
- c) Pai ☐; profissão _____
- d) Mãe ☐; profissão _____
- e) Sogro ☐; profissão _____
- f) Sogra ☐; profissão _____
- g) Tio(s)/a(s) ☐; profissão _____
- h) Outro (s) ☐; Quem _____; profissão _____

II. HABILITAÇÕES ACADÊMICAS

14. Habilitações Acadêmicas:

- a) Até ao 4ºano ☐
- b) 5º - 6ºano ☐
- c) 7º - 9ºano ☐
- d) 10º-11ºano ☐
- e) 12ºano (completo) ☐
- f) Licenciatura ou superior ☐

III. FAMILIAR MILITAR

15. Categoria:

- a) Oficial ☐
- b) Sargento ☐
- c) Praça ☐

16. Ramo da FA/Força de Segurança:

- a. Marinha ☐
- b. Exército ☐
- c. Força Aérea ☐
- d. Guarda Nacional Republicana ☐

17. Missões internacionais:

- a. Bósnia ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- b. Kosovo ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- c. Timor ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- d. Iraque ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- e. Afeganistão ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- f. Uganda ☐; nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____
- g. Outro ☐; onde _____ nº de vezes ____; quando (MM/AA) _____

III. ÚLTIMA MISSÃO

18. Local da missão:

- a) Bósnia ☐
- b) Kosovo ☐
- c) Timor ☐
- d) Iraque ☐
- e) Afeganistão ☐
- f) Uganda ☐
- g) Outro ☐, onde _____

19. Período da missão: de _____ (MM/AA) a _____ (MM/AA)

20. Participação na última missão:

- a) Integrado numa Força Nacional Destacada ☐
- b) Sozinho ☐
- c) Outra ☐ Qual? _____

21. Tempo de deslocamento:

- a) Menos de 4 meses ☐
- b) 4 a 6 meses ☐
- c) 6 a 9 meses ☐
- d) Mais de 9 meses ☐

22. Número de filhos na altura da última missão: _____

- a) Sexo: F ☐ M ☐ Idade ____ anos
- b) Sexo: F ☐ M ☐ Idade ____ anos
- c) Sexo: F ☐ M ☐ Idade ____ anos
- d) Sexo: F ☐ M ☐ Idade ____ anos

IV. INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

23. Como ocupava os seus tempos livres (atividades solitárias, como ler, ver televisão, jogar computador, etc.; e/ou atividades sociais, como sair com os amigos, desportos em equipa, etc.)?

- a) Durante o Pré-deslocamento: _____
- b) Durante o Deslocamento: _____
- c) Durante o Pós-deslocamento: _____

24. Praticava algum desporto com regularidade?

- a) Pré-deslocamento:
Não ☐ Sim ☐

Se sim, qual(uais) e com que frequência: _____

b) Deslocamento:

Não ☐ Sim ☐

Se sim, qual(uais) e com que frequência: _____

c) Pós-deslocamento:

Não ☐ Sim ☐

Se sim, qual(uais) e com que frequência: _____

25. Comunicação durante o deslocamento (entre a família e o militar):

a) E-mail: Sim ☐ Não ☐ Frequência _____

b) Webcam: Sim ☐ Não ☐ Frequência _____

c) Carta: Sim ☐ Não ☐ Frequência _____

d) Redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, etc.): Sim ☐ Não ☐ Frequência _____

e) Outro: Sim ☐ Não ☐ Qual? _____ Frequência _____

26. Importância de comunicar com a família/com o militar, durante o deslocamento:

a) Muito importante ☐

b) Importante ☐

c) Indiferente ☐

d) Pouco importante ☐

e) Nada importante ☐

27. A comunicação com a família/com o militar **durante o deslocamento**:

a) Fortalece a moral: Sim ☐ Não ☐

b) Fortalece os laços relacionais: Sim ☐ Não ☐

c) Facilita o reencontro: Sim ☐ Não ☐

d) Melhora o bem-estar: Sim ☐ Não ☐

e) Aumenta a ansiedade: Sim ☐ Não ☐

f) Aumenta a tristeza: Sim ☐ Não ☐

g) Aumenta o isolamento: Sim ☐ Não ☐

h) _____

i) _____

28. **Durante o deslocamento** o seu cônjuge/companheiro(o) optou por:

a) Gozar os dias de licença para ir a casa: Sim ☐ Não ☐

Se respondeu *Sim*:

- 1) Foi uma boa experiência, porque:

- 2) Foi uma má experiência, porque:

- b) Gozar os dias de licença para ir a outro país: Sim ☐ Não ☐

Se respondeu *Sim*:

- 1) Foi uma boa experiência, porque:

- 2) Foi uma má experiência, porque:

- c) Não gozar os dias de licença para ir a casa: Sim ☐ Não ☐

Porquê?

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO II

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA⁷

⁷ Existem dois guiões de entrevista: um para a cónjuge e para o militar (cujas questões foram adaptadas tendo em conta a que elemento se realizaria a entrevista) e outro para os filhos.

Entrevista do militar e do cônjuge

Tema Geral: *Pré-deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none">Expectativas face à missão;Preparação ao nível da mudança de responsabilidades e rotinas familiares (gestão financeira, tarefas domésticas, cuidado das crianças);Atividades em família e ocupação de tempos livres	<p><i>Que expectativas tinham relativamente ao que mudaria com a missão?</i></p> <p><i>Qual a influência de experiências anteriores de separação?</i></p> <p><i>Que mudanças foram realizadas no geral (exemplo, ao nível das rotinas), para preparar a ausência do militar?</i></p> <p><i>O que mais vos ajudou a lidar com as mudanças durante este período?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none">Reações face a comportamentos do(a) filho(a);Expressão de afeto/hostilidade;Sensibilidade a dúvidas e receios do(a) filho(a) relativamente à missão;Interesse pela vida emocional e social do(a) filho(a)	<p><i>Houve momentos em que sentiu que a notificação para a missão teve impacto nas suas reações? De que forma?</i></p> <p><i>Sentiu alguma mudança ao nível da expressão de afetos em relação ao(à) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>E em relação a reações de maior agressividade/hostilidade?</i></p> <p><i>Lembra-se de alguma situação que a tenha marcado mais?</i></p> <p><i>Como conseguiu gerir as dúvidas e receios do(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu na relação ao nível do envolvimento pela vida do(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>O que influenciou mais?</i></p> <p><i>(foco na relação do cônjuge do militar com o(a) filho(a) e militar com o(a) filho(a))</i></p>

Entrevista do militar e do cônjuge

Tema Geral: *Deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none"> Apoio percebido durante a ausência (pessoas mais próximas; como ajudaram; qual o papel/importância que tiveram) 	<p><i>Houve alguém que a(o) apoiou durante este período?</i></p> <p><i>Como é que essas pessoas foram importantes na gestão/adaptação às novas rotinas e responsabilidades?</i></p> <p><i>O que mais vos ajudou a lidar com o stress associado a esta ausência?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none"> Impacto da ausência na relação de coparentalidade (alterações ao nível da imposição de regras e limites); Supervisão de comportamentos; Impacto da ausência na relação mãe-filho e pai-filho (alterações nos padrões de comunicação); Proximidade/Afastamento mãe-filho; Preparação do regresso do pai/mãe militar (necessidade de mudança sentida) 	<p><i>Que alterações sentiu necessidade de fazer ao nível da imposição de regras e limites para uma melhor adaptação à ausência do pai/mãe militar?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre si e o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre o pai/mãe ausente e o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre vocês dois relativamente aos assuntos do(a) vosso(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da aproximação ou afastamento em relação ao seu filho?</i></p> <p><i>E relativamente à relação pai-filho, quais as principais alterações?</i></p> <p><i>Sentiu necessidade de fazer algumas mudanças ao nível da relação com o seu filho, no sentido de preparar o regresso do pai/mãe?</i></p> <p><i>De que forma ocorreram essas mudanças?</i></p> <p><i>Que recursos/estratégias foram mais importantes e mais utilizados durante este período?</i></p>

Entrevista do militar e do cônjuge

Tema Geral: *Pós-deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none">• Inclusão do cônjuge/pai/mãe militar nas atividades familiares;• Atividades familiares e ocupação de tempos livres	<p><i>Que mudanças sentiram necessidade de fazer ao nível das funções e responsabilidades familiares?</i></p> <p><i>Como foi esta readaptação?</i></p> <p><i>Houve alguma(s) atividade(s) que tenham sentido necessidade de realizar para facilitar a reintegração?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none">• Renegociação de papéis parentais (restabelecimento de rotinas e relações);• Renegociação de regras e responsabilidades relacionadas com parentalidade;• Mudanças ao nível da relação mãe-filho e mãe-filho-pai	<p><i>Como geriu a necessidade de restabelecimento de rotinas?</i></p> <p><i>Que sentimentos estiveram mais associados à renegociação de responsabilidades e papéis parentais?</i></p> <p><i>Sentiu mudanças relativamente à imposição de regras e disciplina?</i></p> <p><i>Qual foi o papel do pai/mãe militar nestas mudanças?</i></p> <p><i>Quais as principais mudanças sentidas ao nível da sua relação com o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>E relativamente à sua relação com o seu marido/mulher enquanto pais?</i></p>

Entrevista dos filhos

Tema Geral: *Pré-deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none">• Notificação e preparação para a mudança;• Adaptação à mudança;• Expressão de sentimentos e pensamentos;• Mudança de responsabilidades e rotinas familiares;• Apoio percebido;• Expetativas face à missão	<p><i>Quem te deu a notícia que o teu pai ia para uma missão?</i></p> <p><i>Falaram contigo sobre as razões que o teu pai tinha para ir em missão?</i></p> <p><i>Como reagiste quando te deram a notícia?</i></p> <p><i>Falavam contigo sobre a missão? Quem?</i></p> <p><i>O que fizeste para lidar com esta situação?</i></p> <p><i>Que diferença sentiste na forma de expressar os teus afetos em relação aos teus pais?</i></p> <p><i>Houve alguma conversa sobre a mudança de responsabilidades em relação a ti?</i></p> <p><i>Que pessoas tiveram mais presentes e porque é que tiveram um papel fundamental?</i></p> <p><i>O que achas que mudaria com a ausência do teu pai?</i></p> <p><i>Qual a influência de experiências anteriores de separação? Ajudaram-te?</i></p>

Entrevista dos filhos

Tema Geral: *Deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
<div>Gerais</div> <div>Preparação da Família</div>	<ul style="list-style-type: none">Principais alterações sentidas na adaptação;Relação com o cuidador que fica;Relação com o cuidador ausente;Apoio percebido durante a ausência;Rituais familiares	<p><i>Houve alguma alteração na tua família quando o teu pai esteve na missão?</i></p> <p><i>Sentiste ou fizeste alguma coisa de diferente para te adaptares à ausência do teu pai?</i></p> <p><i>Como foi a tua relação com a tua mãe enquanto o teu pai estava em missão?</i></p> <p><i>Que tipo de coisas faziam juntos?</i></p> <p><i>Sentiste-te mais próximo dela?</i></p> <p><i>Como era a tua relação com o teu pai que estava fora na missão?</i></p> <p><i>Como é que comunicavam? De que assuntos falavam?</i></p> <p><i>Que tipo de coisas faziam juntos, mesmo estando separados?</i></p> <p><i>Houve alguém que tenha sido um suporte durante este período?</i></p> <p><i>Que atividades foram mantidas? Que atividades novas surgiram?</i></p>

Entrevista dos filhos

Tema Geral: *Pós-deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none">• Preparação do regresso do militar;• Inclusão nas atividades;• Apoio percebido durante a reintegração do militar;	<p><i>Preparam-se de alguma forma para o regresso do teu pai?</i></p> <p><i>Lembraste do que sentiste quando ele chegou?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiste necessidade de fazer para te adaptares à chegada do teu pai?</i></p> <p><i>Houve alguma atividade que sentiste necessidade de realizar para facilitar a reintegração?</i></p> <p><i>Houve alguém que tenha sido importante durante este período, que tenha ajudado?</i></p>

ANEXO III

CONSENTIMIENTO INFORMADO

Consentimento Informado

Tenho conhecimento que a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e o Centro de Psicologia Aplicada do Exército estão a realizar um estudo que pretende encontrar e promover os recursos familiares, internos ou externos, que permitam às famílias e militares adaptar-se à alteração do equilíbrio familiar antes, durante e depois de uma missão internacional.

Se concordar participar, vou ser entrevistado(a) individualmente pelo(a) psicólogo(a) _____, onde iremos debater ideias acerca desta temática. A entrevista tem uma duração média entre 1 hora e 30 minutos a 2 horas e será gravada em áudio, mas ninguém saberá aquilo que eu disser na entrevista, à exceção das pessoas da que estão a fazer este estudo.

Eu tenho o direito de responder apenas às perguntas que quiser. Compreendo que posso não ganhar nada diretamente por participar neste estudo, mas a minha participação poderá ser muito útil para outras pessoas, no futuro.

Aceito participar neste estudo e aceito ser entrevistado(a) no dia _____, pelas _____ horas. Se, em algum momento, decidir que não quero participar, posso desistir e não preciso de explicar as minhas razões e isso não terá nenhuma consequência negativa para mim.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Muito obrigado pela colaboração.

Pela equipa de investigação,



Renato Pessoa Santos
Major de Infantaria
Psicólogo Clínico

Para qualquer esclarecimento, contactar santos.recip@mail.exercito.pt

ANEXO IV

SISTEMA HIERÁRQUICO DE CATEGORIAS (ÁRVORE DE CATEGORIAS)

CATEGORIAS	FONTES	REFERÊNCIAS
1. Fases do Deslocamento Militar (Períodos de tempo com início e fim mais ou menos marcado, que correspondem à vivência familiar das missões internacionais).	12	210
1.1. Pré-deslocamento (Período de tempo que vai desde o conhecimento da notificação para a participação em missão até à partida efetiva do militar para a mesma)	5	10
1.2. Antecipação da Partida (Antecipação da realidade do deslocamento, que surge frequentemente associada à realização de planos e reestruturações que preparar a família para a partida do militar)	11	34
1.3. Desvinculação e Retirada (Últimos dias antes do deslocamento)	2	4
1.4. Deslocamento (Período em que o militar está geograficamente separado da sua família. Inicia-se no momento da partida do militar para um TO e termina quando este regressa a casa)	12	121
1.5. Pré-reencontro (Semanas antes do militar regressar. É um período em que se começa a organizar tudo para a sua chegada)	5	9
1.6. Pós-deslocamento (Fase que tem início a partir do momento em que o militar regressa a casa e se prepara para reintegrar a vida familiar)	9	37
2. Local de Partida e Regresso do Militar (Refere-se ao local onde as famílias dos diferentes contextos residenciais realizam o aprontamento)	11	48
2.1. Junto da Família (Refere-se aos militares do Continente, que não se deslocam do seu contexto residencial durante o pré-deslocamento, para realizarem o aprontamento)	6	23
2.2. Unidade de Aprontamento (Refere-se aos militares das Ilhas, que se deslocam do seu contexto residencial durante o pré-deslocamento, para realizarem o aprontamento)	5	25

3. Evolução dos Processos Funcionais e Relacionais (Evolução de determinado processo funcional ou relacional)	11	75
3.1. Alteração (Alteração de determinado processo funcional ou relacional)	9	43
3.1.1. Aumento (Aumento de determinado processo funcional ou relacional)	9	38
3.1.2. Diminuição (Diminuição de determinado processo funcional ou relacional)	4	14
3.2. Manutenção (Manutenção de determinado processo funcional ou relacional)	11	42
4. Preparativos para a Missão (Tarefas e tomadas de decisão realizadas com o objetivo específico de preparar e organizar o período de ausência do militar)	10	30
4.1. Preparação do Casal Parental (Forma como o casal parental se prepara e organizar para o período de ausência do militar)	6	10
4.2. Preparação do/a(s) Filho/a(s) para a Missão (Forma como o/a(s) filho/a(s) são preparados para a missão - explicar o que o pai militar vai fazer; responder a questões)	10	22
5. Respostas do/a(s) Filho/a(s) Face à Missão (Reações e respostas do/a(s) filho/a(s) decorrentes da participação de uma figura parental numa missão internacional. Estas reações podem ser desencadeadas a partir de reações dos pais à mesma experiência)	12	75
5.1. Parentificação (Atribuição voluntária ou involuntária de maior responsabilidade na criança - assunção do papel de homem/mulher da casa)	6	9
5.2. Regressão Desenvolvimental (É referido por alguns participantes a regressão em termos desenvolvimentais das crianças face à ausência da figura parental militar)	2	4
5.3. Respostas Emocionais (Reações e respostas emocionais do/a(s) filho/a(s) decorrentes da participação de uma figura parental numa missão internacional)	11	50
5.3.1. Afetividade	6	9

5.3.2. Ansiedade	5	5
5.3.3. Chamada de Atenção	1	1
5.3.4. Choro	3	6
5.3.5. Curiosidade	2	3
5.3.6. Evitamento	7	11
5.3.7. Isolamento	1	1
5.3.8. Preocupação	1	2
5.3.9. Saudade	6	11
5.3.10. Sentimento de abandono	2	3
5.3.11. Tristeza	4	8
5.4. Resultados Escolares (Forma como as crianças reagem em termos escolares à ausência do pai)	5	13
5.5. Somatização (Forma como as crianças reagem em termos sintomáticos à ausência do pai)	2	5
6. Gestão de Responsabilidades (Forma como as responsabilidades das figuras parentais são geridas e negociadas)	7	37
6.1. Individuais (Gestão de responsabilidades individuais de cada figura parental do casal)	7	23
6.2. Partilhadas (Gestão de responsabilidades partilhadas do casal parental)	5	15
7. Relação pais-filho/a(s) (Aspetos associados à relação dos pais com o/a(s) filho/a(s))	11	81
7.1. Características da Relação	11	72
7.1.1. Atenção a Necessidades do/a(s) Filho/a(s)	3	10
7.1.2. Dependência da Relação (Forma como o/a(s) filho/a(s) se tornam dependentes da figura parental pela sua disponibilidade)	2	3
7.1.3. Disponibilidade Física e Emocional (Sensibilidade a estados emocionais e disponibilidade física e emocional para o/a(s) filho/a(s))	4	13

7.1.4. Envolvimento do Pai (Alteração ou manutenção do envolvimento do pai militar em atividades ou tarefas que contribuem para a promoção da relação pais-filho/a(s))	8	16
7.1.4.1. Quotidiano do/a(s) Filho/a(s) (Envolvimento do pai no cotidiano do/a(s) filho/a(s), que se concretiza, por exemplo, no apoio nas tarefas escolares e no interesse pelo dia-a-dia dele(s))	7	10
7.1.4.2. Vida Familiar (Envolvimento do pai na vida familiar, como por exemplo: envolvimento nas rotinas diárias, celebração de aniversários e datas festivas e conhecimento das atividades realizadas pela família durante a ausência)	7	12
7.1.5. Exigência (Alterações ao nível da exigência colocada ao(s) filho/a(s))	2	6
7.1.6. Expressão de Afeto (Forma como o afeto e os sentimentos são expressos entre o elemento parental e o/a(s) filho/a(s))	5	9
7.1.7. Gestão de Questões e Preocupações Associados à Missão (Forma como os pais gerem as questões, dúvidas e preocupações do/a(s) filho/a(s) relativamente à missão e ao bem-estar da figura parental militar)	5	8
7.1.8. Movimentos de Compensação (Comportamentos e atitudes parentais que visam compensar a ausência de uma figura parental)	4	7
7.1.9. Perda de Eventos Importantes (Perda de eventos importantes como o crescimento e desenvolvimento verbal do/a(s) filho/a(s) e datas comemorativas)	7	16
7.1.10. Proximidade e Força da Relação (Proximidade e força da relação entre as figuras parentais e o/a(s) filho/a(s))	4	11

7.1.11. Resposta face às Reações e Comportamentos do/a(s) Filho/a(s) (Respostas e reações das figuras parentais a comportamentos do/a(s) filho/a(s))	2	5
7.1.12. Tolerância (Alterações gerais ao nível da tolerância das figuras parentais)	2	3
7.2. Figura Parental (A que elemento das figuras parentais se referem determinadas características da relação)	6	43
7.2.1. Mãe	4	17
7.2.2. Pai	6	30
7.3. Omnipresença da Figura Parental Militar (Presença psicológica e emocional da figura parental militar, embora exista a ausência física. Presenta associada, sobretudo, à existência de meios de comunicação que permitem a manutenção do envolvimento militar)	6	10
7.4. Procura das Figuras Parentais (Forma como as crianças procuram ambas as figuras parentais)	3	4
8. Rotinas Diárias	10	33
8.1. Atividades Extracurriculares do/(s) Filho/a(s) (Atividades extracurriculares, como por exemplo desportos realizados regularmente pelo(s) filho(s))	3	8
8.2. Organização das Atividades Familiares (Forma como são organizadas as atividades familiares)	6	12
8.2.1. Ocupação de Tempos Livres (Organização das atividades de ocupação de tempos livres da família)	6	9
8.2.2. Realização de Planos (Realização de planos de atividades a serem concretizadas)	3	9
8.3. Organização das Refeições (Forma como são organizadas as refeições, como por exemplo o horário)	3	3

8.4. Rotinas do Sono (Rotinas do sono, tais como o horário para o/a(s) filho/a(s) dormirem e o local onde o/a(s) filho/a(s) dormem)	3	4
8.5. Rotinas em Geral (Nas palavras das participantes trata-se de rotinas em geral, dado que não são clarificadas as que são mantidas ou alteradas)	7	11
9. Fatores de <i>Stress</i>	10	40
9.1. Associados à Missão (Fatores de <i>stress</i> diretamente relacionais com a participação em missões internacionais)	8	17
9.1.1. Local da Missão (Local onde é realizada a missão é percebido como perigoso, pondo em risco a segurança do militar - Afeganistão como TO de elevado risco)	8	15
9.1.2. Segredos da Missão (Devido ao local do TO poderão existir segredos que o militar não poderá compartilhar com a família, o que poderá aumentar o <i>stress</i>)	2	2
9.2. Exteriores à Missão (Fatores de <i>stress</i> que não estão diretamente relacionados com o contexto de missão internacional)	5	24
9.2.1. Construção de Casa	4	12
9.2.2. Internamento no Hospital	5	8
9.2.3. Processo de Gravidez (Inclui o período de gestação, o parto e possíveis complicações médicas associadas)	3	15
10. Recursos (Recursos utilizados pela família para lidar com o <i>stress</i> percebido e as exigências específicas associadas à missão)	12	76
10.1. Externos	12	63
10.1.1. Meios de Comunicação (Forma de comunicação entre a família e o militar durante a sua ausência física)	9	22
10.1.2. Possibilidade de Estar com o Militar Durante a Missão	3	4

10.1.3. Procura de Apoio Psicológico (Face aos problemas que surgem, a procura de apoio psicológico foi um dos recursos utilizados pelos participantes)	1	1
10.1.4. Suporte Social (Suporte social percebido pela família)	12	38
10.1.4.1. Fonte de Suporte Social (Fonte de suporte percebida pela família)	12	38
10.1.4.1.1. Amigos	6	10
10.1.4.1.2. Família	11	33
10.1.4.2. Tipo de Suporte Prestado (Tipo de suporte prestado pelas fontes identificadas)	11	29
10.1.4.2.1. Emocional	8	16
10.1.4.2.2. Funcional	10	20
10.2. Internos (Recursos e estratégias levadas a cabo pela família para superar os desafios associados à missão)	7	16
10.2.1. Atitude Positiva	3	3
10.2.2. Experiência Adquirida de Outras Missões	6	9
10.2.3. Experiência Militar	4	4
10.2.4. Iniciativa de Diálogo com o Militar	1	1
10.2.5. Organização do tempo Disponível	1	2
10.2.6. Respeito pela Opção do Militar	3	3
10.2.7. Valorização da Atividade Profissional do Militar	4	4